

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

TERÇA-FEIRA
18 DE NOVEMBRO DE 2003
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO N°103

CADEADOS VOLTAM A FECHAR UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Apesar do fecho das faculdades durante a próxima quarta e quinta-feira, a Direcção-Geral da AAC afirma que vão ser garantidos os "serviços mínimos"

Amanhã e quinta-feira as facultades da UC vão estar fechadas a cadeado, após deliberação da última Assembleia Magna. Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, já referiu que, apesar do encerramento, os serviços mínimos da instituição estarão garantidos.

Está também agendada nova manifestação do ensino superior, para dia 25 de Novembro. O protesto de âmbito nacional é, desta vez, descentralizado pelas diversas cidades do país. Os dirigentes estudantis reiteram assim a vontade de continuar a protestar contra as reformas no sistema do ensino superior. PÁG. 7



Reportagem Música em Coimbra

Pop, rock'n'roll, blues, soul, rockabilly, surf, punk... A paleta sonora é diversificada. De ensaio em ensaio, a CABRA desenha um postal musical dos sons que emanam da cidade e foi ouvir as críticas de alguns dos intérpretes da música feita em Coimbra Pág.12 e 13

CONSELHO DESPORTIVO COM NOVA DIRECÇÃO

O novo Conselho Desportivo da Associação Académica de Coimbra tomou posse ontem à noite. Depois da saída da equipa anterior, instalou-se um vazio directivo que se prolongou durante várias semanas. Ao longo dos próximos dois anos, esta equipa pretende realizar um trabalho de al-

guma continuidade, apesar de existirem pontos em que a ruptura com o passado é evidente. A grande novidade trazida pelo novo grupo de trabalho é o alargamento para outros elementos, num esforço para responder aos desafios que se colocam na gestão das secções desportivas. Pág. 2 e 3

Universidade

Belmiro Cabrito, especialista em economia da Educação, afirma-se contra as propinas. PÁG.8

Nacional

Sousa Andrade, docente da FEUC, comenta o estado da economia nacional. PÁG.10

SUMÁRIO

Destaque	2	Reportagem	12
Opinião	4	Ciência	14
Academia	7	Desporto	15
Universidade	8	Cultura	17
Cidade	9	Artes Feitas	20
Nacional	10	Agenda	22
Internacional	11	Vinte&três	23





Nova direcção do Conselho Desportivo tomou posse ontem à noite

Nova direcção pretende marcar o fim de um ciclo

Depois de um período de “vazio”, o Conselho Desportivo da AAC já tem direcção

Decorreram na semana passada as eleições para o Conselho Desportivo da Associação Académica de Coimbra. Depois de um período em que não foi apresentada qualquer lista, surgiu um grupo bastante alargado disposto a comandar os destinos das secções desportivas da Académica

João Cortesão
Bruno Costa
Susana Ventura

A equipa eleita na votação extraordinária do dia 10 para a direcção do Conselho Desportivo (CD) entrou ontem em funções e substituiu os anteriores dirigentes, que se tinham demitido na sequência do abandono do CD por parte de António Rochette.

Há cerca de cinco meses, Rochette decidiu abandonar o órgão por questões profissionais. Algumas semanas

depois, os restantes elementos do Conselho Desportivo apresentaram também a demissão. A saturação do grupo de trabalho, as dificuldades profissionais e o facto de o grupo ter sido quebrado com a saída do primeiro elemento foram as razões apontadas para este abandono. Tal como refere um dos anteriores membros do Conselho Desportivo, Luís Maricato, a precedente direcção “foi eleita como um todo: quando um dos elementos sai, a equipa deixa de existir”.

Depois desta saída, instalou-se um vazio directivo que se arrastou durante algumas semanas, uma vez que ninguém queria assumir o “comando” das secções desportivas. Apesar de todos os pedidos, os elementos demissionários mantiveram-se firmes na sua decisão de abandonar o CD, situação que obrigou os restantes membros a encontrar uma saída para uma situação que, segundo Eduardo Cabrita, dirigente da Secção de Ténis, era insustentável e limitadora dos objectivos das secções desportivas.

Eleições participadas

Apesar de terem apresentado a demissão no mês de Julho, os anteriores elementos do Conselho Desportivo mantiveram-se em funções até que existisse uma nova lista que pudesse assegurar a continuidade dos

vários projectos que já estavam em curso. Jorge Carvalho, um dos elementos demissionários, justifica esta decisão como uma forma de “assegurar o andamento das actividades normais de início e fim de época. O conselho tem compromissos em que os prazos são fundamentais, quer com as secções, quer com entidades externas”.

Depois de um período de indefinição, em que não foi apresentada qualquer candidatura, acabou por surgir um grupo de oito candidatos (os estatutos prevêm apenas cinco) que foi eleito por unanimidade. Esta eleição aconteceu naquele que foi um dos plenários mais concorridos dos últimos anos.

Depois da demissão conturbada do anterior Conselho Desportivo surgiu, no segundo plenário realizado para o efeito, uma lista constituída por António Ferrão (andebol), Cassiano Afonso (basquetebol), Dominic Cross (xadrez), Eduardo Cabrita (ténis), Francisco Caleira (atletismo), Jaime Carvalho (râguebi), Mário Nogueira (patinação) e Paulo Martins, que vai ficar responsável pela área da contabilidade. Quando questionados acerca das razões que motivaram a formação desta lista, os membros do CD eleito referem a necessidade de colmatar um vazio e de responder às dificuldades das secções desportivas como factores determinantes.

A necessidade de trabalhar em diversas áreas levou a que esta direcção se estendesse a oito elementos. Para além dos cinco efectivos, vão também existir três membros suplementares para que “nunca seja levantado algum problema de ordem formal”, como refere Mário Nogueira. Por sua vez, Francisco Caleira considera esta alteração fundamental para que “não se continuem a adiar situações importantes como as obras de remodelação do Campo de Santa Cruz”.

O reforço da formação e do desporto universitário, o apoio à competição e o apoio clínico aos atletas e às secções desportivas são os aspectos prioritários do CD que ontem tomou posse. Para Mário Nogueira, representante da Secção de Patinação, “os próximos dois anos vão também servir para repensar alguns regulamentos (nomeadamente o dos transportes) e tentar uma maior aproximação à Reitoria da Universidade de Coimbra”.

Quanto à elevada participação de secções neste plenário, as justificações divergem: Ricardo Reis, da Secção de Desportos Náuticos considera que “existia curiosidade em conhecer a nova lista, as pessoas que faziam parte”. Por sua vez, o representante da Secção de Tiro com Arco, Nuno Marques, defende que “existiu um interesse meramente monetário das secções, uma vez que

é o Conselho Desportivo que detém as verbas”.

Trabalho de continuidade

Para o presidente da Direcção-Geral (por inerência também presidente do Conselho Desportivo), “a vida é feita de ciclos que têm de ser aceites como tal”. Contudo, Victor Hugo Salgado defende que devia existir um elo de ligação entre os dois Conselhos Desportivos para dar continuidade aos projectos iniciados pela equipa anterior, que já estava em funções há muito tempo.

Apesar de não existir transmissão de conhecimento, esta alteração é muito positiva porque “vai existir a introdução de uma dinâmica e de uma procura completamente novas, que vão gerar um novo CD. Quanto à saída da anterior equipa, Victor Hugo Salgado defende que “o importante é assinalar o trabalho feito até aqui em todas as áreas e esperar que o próximo CD dê continuidade a esse mesmo trabalho”.

Já o representante da Secção de Tiro com Arco “espera total isenção e responsabilidade das pessoas que constituem o novo CD”. Em relação ao mandato que ontem teve início, o dirigente defende que o principal desafio passa por reduzir, dentro do Conselho Desportivo, as assimetrias entre as secções grandes e as de menor dimensão.

Equipamentos geram discórdia

Atrasos na entrega de equipamentos e queixas de falta de qualidade levam secções a colocar em causa protocolo estabelecido com a câmara

Ao abrigo do Regulamento Desportivo Municipal, a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) protocolou com o Conselho Desportivo (CD) da Associação Académica de Coimbra o fornecimento de equipamentos da marca Umbro para todas as equipas dos escalões de formação. Contudo, atrasos na entrega dos produtos e queixas de algumas secções desportivas em relação à qualidade dos produtos podem levar a uma revisão deste protocolo.

Esta situação gerou opiniões adversas por parte dos membros do CD demissionário e dos vários representantes das secções desportivas. Quando confrontados com esta questão, os elementos demissionários defendem que existem secções com prioridades ao nível da data de início da época competitiva e da divisão em que competem. Jorge Carvalho, membro da direcção demissionária, defende que o pedido dos equipamentos foi entregue dentro dos prazos estabelecidos. Portanto "as falhas são da inteira responsabilidade da CMC". Já Eduardo Cabrita, um dos elementos eleitos no passado dia 10 de Novembro, está convencido de que "foi a marca que falhou em todo este processo".

Quanto à má qualidade dos equipamentos, o CD demissionário é peremptório, dizendo que a qualidade dos equipamentos não pode ser posta em questão, até porque "todos os equipamentos que tenham algum problema são devolvidos", como afirma Luís Maricato.

Em relação a este assunto, vários representantes das secções de desporto da AAC manifestaram o seu desagrado face ao não cumprimento do acordo estabelecido, que está a gerar múltiplos problemas. Por exemplo, Cassiano Afonso, vice-presidente da Secção de Basquetebol, mostra o seu descontentamento em relação ao protocolo estabelecido, alegando que a marca



Conselho Desportivo, recentemente eleito, comprometeu-se a resolver o problema dos equipamentos que afecta várias secções

em causa "não é vantajosa, não só para a sua secção como para todas as outras". Segundo o dirigente, o que acontece é que os equipamentos "são de má qualidade" e, por isso, a secção é obrigada a ter "custos acrescidos", sobretudo no que diz respeito à estampagem das camisolas de jogo, que têm chegado mal estampadas ou "em branco".

Este dirigente espera que os problemas sejam resolvidos junto das entidades responsáveis, de forma a satisfazer as necessidades de todas as secções desportivas da AAC. Outras secções estão ainda à espera dos seus equipamentos, situação que as obriga a fazer uso dos equipamentos da época passada, já bastante desgastados.

De acordo com o programa de trabalho da lista, o CD recentemente eleito comprometeu-se a resolver o problema dos equipamentos para todas as secções, fazendo pressão sobre a autarquia, de modo a que sejam cumpridos os termos do protocolo. Todos esperam ver a situação resolvida o mais rapidamente possível.

“O mais importante é a Académica”

António Rochette, um dos fundadores do Conselho Desportivo, deixa este órgão triste com o esquecimento de que é alvo o desporto amador

Depois de vários anos enquanto membro do Conselho Desportivo, a aprovação, por parte da Câmara Municipal de Coimbra, da exploração de uma segunda bomba de gasolina para o desporto profissional

leva António Rochette a deixar o dirigismo. O esquecimento de que é alvo o desporto amador foi um factor determinante nesta decisão, até porque "não vale a pena ser dirigente desportivo amador quando só há olhos para o desporto profissional".

Em relação às críticas que lhe são dirigidas, refere que nunca existiram abusos de poder da sua parte, uma vez que todas as decisões foram tomadas em reunião do Conselho Desportivo e de secções. Na maior parte dos casos considera que as acusações de que é alvo não têm fundamento e lamenta que "as pes-

soas que falam agora não tenham aparecido nas últimas eleições quando estivemos cinco meses à procura de uma lista que nos pudesse substituir".

Como grande conquista, destaca o facto de as equipas que integraram conseguido unificar aquilo que inicialmente não era mais do que 24 clubes a puxar cada um para o seu lado. Apesar de referir o bom trabalho que foi feito ao longo do último mandato, o dirigente lamenta o facto de existirem alguns processos que ficam pendentes, como o protocolo estabelecido com a câmara municipal tendo em vista o

fornecimento de equipamentos às secções desportivas, "processo que não está a correr bem".

Confessa ter entrado em desacordo com uma ou outra secção, mas apenas quando estas seguiam um rumo que pudesse vir a prejudicar o conjunto: "Sempre recusei olhar para uma árvore e não ver a floresta". Até porque, refere, "nunca vi nenhuma direcção que não fosse forçada a ter tomadas de posição mais fortes". Apesar da saída do Conselho Desportivo, António Rochette já expressou a sua disponibilidade para continuar a apoiar o trabalho da direcção recém-eleita.

Conselho Desportivo de (alguma) continuidade

Apesar de não se assumirem como um grupo de ruptura com o anterior e de desejarem um ambiente de cooperação entre todos os elementos deste órgão, existem vários aspectos no programa de trabalho do novo Conselho Desportivo (CD) da Associação Académica de Coimbra (AAC) que, de alguma forma, se opõem aos anteriormente definidos.

A aposta no futuro e nas suas gerações é um dos pontos que assume, à partida, um maior destaque, em contraponto com a necessidade de actuação para o presente e de "navegação à vista" do anterior CD. Outro dos aspectos divergentes é a maior aposta na formação e o maior apoio ao desporto não profissional, enquanto os antecessores davam prioridade ao desporto de competição.

A fixação de um protocolo com a Câmara Municipal de Coimbra, tendo em vista o fornecimento de equipamentos às camadas jovens da AAC, foi uma das vitórias do conselho demissionário. Apesar de reconhecer a mais-valia que esse acordo representa, a nova direcção pretende rever este protocolo para corrigir algumas falhas que existem ao nível da qualidade dos equipamentos e do não-cumprimento dos prazos de entrega.

Os novos dirigentes pretendem também rever alguns regulamentos, nomeadamente os que pautam a distribuição de verbas pelas secções e os transportes. O objectivo é conseguir um esquema de distribuição de apoios que seja mais justo do que o que existe actualmente e ao qual são apontadas algumas críticas.

No que diz respeito ao Campo de Santa Cruz, a posição assumida pelo novo CD é a de continuar a requalificação iniciada pelos seus antecessores. Para que as obras neste espaço desportivo possam continuar sem sobressaltos, a actual direcção aponta como prioridade a obtenção de verbas que permitam financiar todo o processo de remodelação. A preocupação em melhorar as condições físicas e o trabalho que são desenvolvidos no posto clínico do Estádio Universitário é também uma constante das linhas programáticas do antigo e do actual CD.

O reforço da ligação à comunidade e às entidades institucionais é outro dos aspectos inovadores do programa de trabalho apresentado na semana passada. Aqui, refere-se a necessidade de uma maior aproximação à Câmara Municipal de Coimbra, à reitoria e à Direcção-Geral da AAC. As relações entre o CD e o Organismo Autónomo de Futebol são também enunciadas, no sentido da concretização e respeito pelos compromissos antigos.

Existem também outros aspectos que estão presentes quer no antigo, quer no actual programa de trabalho. É o caso dos Prémios Salgado Zenha e da procura e concretização de apoios financeiros para as várias secções.

EDITORIAL

A doença dos docentes

Numa altura em que as manifestações dos estudantes do ensino superior contra a actual lei de financiamento do ensino superior público tiveram o triste poder de desencadear mais um cortejo de reprovações em vez de apoios, vale a pena tentar compreender um pouco esta última onda que se levantou.

Por um lado, de uma forma perfeitamente ridícula, incompreensível e desajustada, quatro docentes da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (UC) decidiram colocar no banco dos réus os estudantes que fecharam a Porta Férrea a cadeados, nomeadamente o actual presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Demonstrando uma tacanhez mesquinha, estes docentes evidenciaram serem indignos de pertencer a uma casa como a UC, uma casa onde, apesar das quezilhas entre os vários corpos, sempre se evitou descer a tais patamares de confronto. Mais, estes quatro professores elevaram o seu direito de discordia com as reivindicações defendidas pelos seus próprios alunos a um patamar de incompreensibilidade, a um patamar de personalização tão surreal que, só por um mero acto de necessidade de projeção narcisista-mediática, se entende o porquê de confundirem a pessoa de Victor Hugo Salgado com as decisões tomadas pelos estudantes da UC. Por isso, esta é uma atitude que só faz sentido se vista na perspectiva pequenina de quatro senhores que, à força, quiseram fazer sua uma casa que só tem razão de ser pelos estudantes.

Querem os estudantes lutar contra a actual lei de autonomia? Claro, mas não como fantoches dos docentes. E é isto que os professores devem entender: a actual reforma do ensino superior não é boa para ninguém, mas por diferentes motivos.

A verdade é que já se percebeu que os direitos dos estudantes são diferentes dos direitos dos restantes membros da comunidade universitária. Afinal, não é ao corpo discente que retiram vilmente o direito a lazer e ao divertimento, atirando constantemente para a praça pública acusações de "bêbados" e "desperdiçadores de dinheiro" aos estudantes? Afinal, não é ao corpo discente que acusam de cábulas e de gastos excessivos dos recursos públicos, sem se preocuparem em analisar a postura dos docentes neste campo, nomeadamente as recorrentes faltas às aulas e clara falta de empenho demonstrado por muitos em ensinar?! Sim, porque à pergunta de porque é que está a demorar tanto tempo a instalação de um projecto claro e independente de análise da qualidade do ensino universitário, todos os alunos sabem a resposta: porque os professores têm medo de ver comprovada cientificamente a sua actual incompetência (salvem-se raros exemplos que, no entanto, seria injusto colocar no mesmo saco das aves de rapina dos recursos do ensino superior).

E chegamos ao actual ponto, onde os docentes dizem aos alunos que deveriam voltar as suas baterias não contra a actual lei de financiamento, mas sim contra a nova lei de autonomia, neste momento em análise parlamentar. Dizem os professores, assustados, que esta nova lei vai acabar com a colegialidade e com a gestão democrática das universidades. Grosso modo, vai acabar com a gestão da universidade pela universidade, nomeadamente pelos professores, porque, se já antes o papel dos estudantes era minimizado, a atitude do último senado demonstrou bem o nível a que os docentes colocam o corpo discente neste aspecto. Mas, quezilhas à parte, estão os estudantes agrados com a nova lei de autonomia? Claro que não, mas a lei de financiamento é, neste momento, bastante mais premente para os alunos porque envereda por um princípio de "élitização" do ensino superior pela capacidade financeira. Querem os estudantes lutar contra a actual lei de autonomia? Claro, mas não como fantoches dos docentes. E é isto que os professores devem entender: a actual reforma do ensino superior não é boa para ninguém, mas por diferentes motivos. E, se não devem ser os docentes a fazer a luta dos estudantes, como muitos catedráticos afirmam, certamente também não devem ser os estudantes a fazer a luta dos docentes. Porém, o certo é que, enquanto este jogo do empurra continua, a nova legislação para o ensino superior vai sendo aprovada, sem que ninguém o consiga impedir. Por isso, talvez seja já altura de perguntar: "Para quando uma luta conjunta, senhores docentes?" Emanuel Graça

O País precisa de elites criativas e inovadoras

José Veiga Simão *

No livro "Ensino Superior - uma visão para a próxima década", Machado dos Santos, Almeida e Costa e Veiga Simão afirmam: "a irracionalidade do actual sistema do ensino superior e a consequente tolerância da mediocridade, permitidas por falta de ambição, por incapacidade do poder do Estado, pela primazia do lucro nalgumas entidades privadas e por anacrónico corporativismo de algum poder académico, são insustentáveis. Por isso, a qualidade e a excelência intrinsecamente ligadas a uma avaliação, com consequências visíveis na opinião pública, devem determinar uma inadiável reorganização e modernização, baseada na flexibilidade e na programação estratégica".

De acordo com este pensamento, tenho defendido que o edifício legislativo do ensino superior devia ser profundamente simplificado. Duas Leis Básicas Programáticas seriam necessárias e suficientes: uma lei-quadro do ensino superior relacionada com a organização global do sistema público e privado e a dimensão europeia e uma outra abrangendo a autonomia, o financiamento e a avaliação, correspondendo ao preceito constitucional.

Neste quadro, a Universidade deveria inserir-se na administração autónoma do Estado, clarificando-se a natureza da tutela governamental e aprofundando-se o modelo contratual entre o Governo e a Universidade. Numa próxima revisão constitucional, a autonomia universitária deveria ter um enquadramento idêntico à autonomia dos tribunais, das regiões autónomas e das autarquias...

O caminho escolhido pelo Governo foi diferente, certamente por razões de oportunidade política compreensíveis, mas discutíveis.

E, assim, foram aprovadas as Leis do Regime Jurídico do Desenvolvimento e Qualidade do Ensino Superior e das Bases do Financiamento do Ensino Superior, encontrando-se em discussão a Lei referente à Autonomia e a Lei de Bases da Educação... Espero que a remodelação do edifício actual, que levou 17 anos a construir, seja completa em 2004. Espero, ainda, que o modelo contratual expresso na actual Lei da Avaliação não seja alterado, embora seja urgente rever a sua regulamentação, pois nela prevalecem os interesses corporativos contra a eficácia e a racionalidade. Não é por acaso que ainda hoje não são conhecidos indicadores de qualidade dos diversos cursos avaliados, sejam de natureza académica ou financeira, sejam, ainda, relativos ao seu impacto social. Por outro lado, salvaguardadas excepções louváveis, estamos na presença de avaliações externas de tolerância máxima, com consequências mínimas.

Posto isto, comentemos a questão das propinas, que deveria ser enquadrada na visão estratégica mencionada. Sou a favor do aumento de propinas, satisfeitas condições claras e transparentes. Esta posição tem como pensamento subjacente a adesão ao princípio de que a Universidade é uma instituição onde os professores ensinam e criam saber novo, partilhando-o com os alunos, seus discípulos e companheiros. A Universidade é um espaço de formação cultural e profissional de qualidade, confirmando diplomas reconhecidos organicamente na Europa. A Universidade é um espaço de qualificação e valorização do cidadão e do País, situada na vanguarda do pensamento.

Mas, para isso, a Universidade deve ser, também, espaço que cultiva a igualdade de oportunidades, não po-

dendo, por razões económicas, qualquer jovem não ascender a ela por dificuldades financeiras, próprias ou familiares. O acesso pelo mérito é decisivo. As propinas e, bem assim, outras condicionantes sociais de frequência da Universidade não podem impedir um aluno de estudar e de se realizar...

Para atingir esta finalidade, o aumento das propinas deve ser inserido num "Programa Integrado de Desenvolvimento", válido para cada Universidade, assente em três pilares a serem erguidos, em simultâneo, durante três a cinco anos, com metas e indicadores pré fixados:

- Pilar do Financiamento - o Governo e as instituições devem programar o financiamento do ensino superior, do ensino e investigação, eliminando os desperdícios e privilegiando os mecanismos contratuais. A universidade deve procurar financiamentos externos a nível nacional, europeu e internacional. Os estudantes, exigentes da qualidade, devem contribuir com propinas até ao valor máximo consagrado na lei.

- Pilar da Accção Social e Cultural - os estudantes têm direito a bolsas, que devem ser actualizadas e incluir o valor das propinas. Uma linha de empréstimos complementar à acção social escolar, a fundo perdido, deve ser institucionalizada e facilitada. Numa primeira previsão, conforme com a estrutura social das famílias portuguesas, prevê-se que o regime total ou parcial de bolsas atinja 50 por cento dos alunos, num período entre 3 a 5 anos. Os estudantes devem velar pelo cumprimento deste programa. As Universidades devem dispor de um provedor académico, para a Acção Social e Cultural.

- Pilar da Qualidade - os cursos do 1º ciclo, correspondente à licenciatura, que não atinjam indicadores de qualidade mínimos pré-fixados, não devem ser financiados. Devem ser incentivadas e premiadas a qualidade e a excelência. Uma Universidade deve criar uma estrutura de garantia da qualidade, na qual devem participar intensamente os estudantes.

Os professores e os estudantes universitários não se podem exigir à responsabilidade moral perante o País de, em média, os cursos serem concluídos num período de tempo que excede em 1/3 a sua duração normal. O insucesso escolar é preocupante e, seguramente, muitos professores e alunos são, por ele, responsáveis. Os portugueses têm o direito de exigir a rentabilização da aplicação dos dinheiros públicos.

O poder político assume, neste domínio, as mais graves responsabilidades, pois tem sido conivente com a degradação do binómio qualidade-quantidade e não tem cumprido regras de financiamento contratualizado. Urge aperfeiçoar os mecanismos existentes e satisfazer os compromissos contratualizados.

Se quisermos acompanhar a Europa, o financiamento do ensino superior não pode diminuir, deve aumentar progressivamente até aos níveis de países mais desenvolvidos, mas, para isso, é necessária e urgente a racionalização e credibilização de instituições e cursos. Financiar desperdícios seria desastroso. Acresce que a Declaração de Bolonha vai exigir novos investimentos. No meu entendimento, os cursos do 2º ciclo, de mestrado, devem também ser co-financiados pelo Estado, mas só perante níveis de elevada qualidade.

O País precisa de elites criativas e inovadoras.

*Ex-ministro da Educação e co-autor do estudo "Ensino Superior - uma visão para a próxima década"

Superior descontentamento

O actual modelo de organização e de autonomia das instituições de ensino superior rege-se por uma espécie de jogo do gato e do rato entre o Governo e as academias. O que devia ser a referência estável para o governo das instituições, articulando-se os modos da autonomia com a necessária regulação do Estado, é cada vez mais uma ratoeira dedicada a exterminar o clima de tranquilidade e solidez nas relações entre os diferentes parceiros nos órgãos de governação das instituições de ensino superior.

A política do governo nesta área esgota-se num desavergonhado lavar de mãos público e esconde-se, com muita desfaçatez, por detrás da autonomia que desrespeita grosseiramente. Em vez de propor a articulação responsável entre a legitimidade da marcação dos seus objectivos político-programáticos sufragados e a vocação científica e pedagógica do ensino superior, limita-se, qual amanuense principiante, a passar culpas e aligeirar capital de risco nas decisões essenciais à afirmação deste vital sector na estratégia de desenvolvimento nacional.

O País passa por uma recessão económica, é certo. Independentemente dos imensos contributos que as actuais medidas económicas têm dado para isso, ainda nenhum responsável governamental defendeu mudanças que assinalem a necessidade de "liquidar" a enorme despesa do Estado com a educação, nomeadamente com o ensino superior. Ora, como parece não ser ainda o caso, apesar de tudo, comprehende-se mal o fortíssimo desinvestimento na formação superior, sabendo-se que na OCDE a média percentual de cidadãos possuidores de formação neste nível ronda os 23 por cento e que, em Portugal, fica-se pelos medíocres nove por cento, agora.

Esta diminuição no investimento é tanto mais desastrosa quanto se sabe estar este indicador directamente relacionado com as melhores condições para o desenvolvimento e criação de ri-

queza. Admitindo que o governo não pretende encerrar o país, mesmo em situação de aperto financeiro, a criação das condições para sair do "buraco" impõem o revigoramento material e psicológico do principal instrumento que garante as bases fundamentais para a inovação e para a qualificação e especialização de quadros, tão ausentes das empresas portuguesas. Veja-se, a propósito, no último inquérito ao emprego, promovido pelo Instituto Nacional de Estatística, os resultados desastrosos que fundamentam esta necessidade: 80 por cento dos diretores e gerentes das pequenas e médias empresas possui como formação um nível inferior ao 9º ano de escolaridade. E tanto porfiou o impetuoso Bagão a retalhar as leis laborais, pondo a cruz em cima dos trabalhadores por conta de outrém, no tocante à competitividade e produtividade! Afinal, já nada é preto e branco.

O esforço que o país tem feito nos últimos anos pode ficar comprometido e atrasar irremediavelmente por mais uma geração a recuperação relativamente aos parceiros da União Europeia. Esta possibilidade real é chocante, dado o atraso crónico em quase todos os índices sociais relativamente aos parceiros europeus. Como que para o provar, aí chega a última notícia a dizer que Portugal já é o país mais pobre da União. Pois claro.

O ensino superior tem sofrido profundas alterações, quer pela vontade dos decisores políticos, quer por pressões sociais organizadas. Nem sempre a problemática deste sector foi perfeitamente entendida, por parte de quem governa, como uma área estratégica onde apostas ponderadas e programadas contribuam para o progresso económico e social do país.

Hoje, de novo, os estudantes estão em pé de guerra, com acções de protesto, numa crescente contestação, entre outros, ao aumento das propinas.

Apesar de tudo ter feito para isso, ao tentar transferir para as universidades o ónus desse aumento, o Governo não escapa, porque invoca mal o princípio da autonomia. Ninguém é parvo. A autonomia já acarreta para os dirigentes, particularmente para os reitores, algumas decisões incómodas onde sempre foi necessário aliar a capacidade de diálogo com a determinação. Por isso, a despeito da má intenção do Governo, os protestos dirigem-se contra a política para o ensino superior e dão nota da vitalidade de uma geração que não fica acomodada.

Mas será que se justifica esta luta? Apesar de haver carências de várias ordens, a degradação na relação pedagógica, o regime restrito de acesso, o que passa para a opinião pública e com grande visibilidade é apenas a contestação das propinas. Independentemente de outras motivações

que poderão estimular e mover os estudantes através das suas associações, existem vários problemas e carências que marcam e podem justificar este descontentamento. Identifico a necessidade de valorização da componente do ensino e da melhoria da qualidade pedagógica como sendo dos maiores desafios a que é imperioso dar respostas criativas, algumas das quais de ruptura com o actual estado de coisas.

Quanto às propinas, pensando apenas na falta de financiamento do sistema de ensino e no tão apregado défice, pode reforçar-se a necessidade do contributo da parte das famílias. Mas isso seria mais um esforço, certamente, por si só caustíco ou circunstancial.

Sou defensor das propinas, para além do seu impacto no financiamento das instituições. Fundamento essa adesão através do princípio de co-responsabilização no esforço financeiro que o Estado faz, cruzando benefícios ou contrapartidas culturais ou de integração sócio-profissional. Todavia, nenhum aluno, com mérito académico, pode ser deixado à sua sorte quanto às condições económicas do seu agregado familiar. Ora, a Acção Social Escolar tem andado longe de oferecer a garantia de ingresso a todos os jovens economicamente carenciados. Já nem refiro a inadequação da prova, por via do IRS..., mas sim a fórmula de cálculo para apuramento do rendimento per-capita por ser demasiado exígua, tendo em conta o nível de vida português.

Mas é verdade que há milhares de estudantes cujas famílias podem, sem grandes dificuldades, pagar a quantia exigida. Não pode é falhar o sistema de acção social para aqueles que querem, merecem e que não podem pagar a oportunidade de realizar uma formação de nível superior.

*Deputado do PS, Vice-Presidente da Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura

António Braga *

Nenhum aluno, com mérito académico, pode ser deixado à sua sorte quanto às condições económicas do seu agregado familiar.

Academia, direitos humanos e igualdade

João Barroso Martins * e Paulo Jorge Vieira **

A Associação Académica de Coimbra vai entrar em novo processo eleitoral, num momento de contestação estudantil em torno da questão do financiamento do ensino superior. Esta tem provocado "alarido" na nossa sociedade a partir de um discurso demasiado centrado nas questões das "propinas". Acreditamos que o papel da Associação Académica de Coimbra na universidade, e na cidade, é e deve ser mais amplo.

São muitas as questões que se colocam hoje na sociedade portuguesa, para as quais, e nas quais, a Associação Académica de Coimbra e a academia coimbrã deverão intervir, promovendo diferentes acções e políticas públicas.

Algumas dessas questões encontraram-se fora, infelizmente, das agendas dos dirigentes das instituições académicas. Aparentemente, voltarão a estar longe da ribalta nas agendas das listas concorrentes ao próximo acto eleitoral. Poderão estar nos programas das diferentes listas, mas perder-se-ão nos milhares de papéis, e poucas ideias, que serão distribuídos na universidade nas próximas semanas!

Dentro dos temas esquecidos, destacamos os Direitos Humanos e a Igualdade, que nem como "flores na lapela", ou "discursos para

encher" são (ab)usados por parte das listas candidatas.

Qual o papel da Associação Académica de Coimbra - e da Universidade de Coimbra - na promoção e defesa dos Direitos Humanos? Ou qual o seu papel enquanto agente promotor de Igualdade entre todos/as os/as cidadãos/cidadãs? E como luta contra as diferentes formas de discriminação?

Já é tempo da agenda da Associação Académica de Coimbra ser mais equilibrada e, por isso, mais intervintiva e atenta a algumas questões relativas aos Direitos Humanos e à Igualdade.

Afirmam diversos estudos estatísticos, relativos à frequência universitária, uma feminização do ensino superior. Mas que têm feito a AAC e a academia coimbrã para promoção de igualdade entre mulheres e homens? Para quando a exigência e promoção da participação cidadã das mulheres na governação democrática e na gestão da Universidade, ou na Associação Académica, por exemplo, através da existência de órgãos paritários nos diversos órgãos de gestão e na AAC? Para quando acções que realmente promovam uma igualdade de facto, longe dos discursos e práticas sexistas a que estamos

habitados na sociedade?

A sexualidade há muito que deixou os "foros privados da opressão" e passou a "coisa pública", fruto de ser fonte de discriminação e de "desigualdade" de facto no acesso à felicidade. Que tem feito - e que irá fazer - a AAC para combater a homofobia, a discriminação dos estudantes homossexuais presente no quotidiano universitário? E que faz a AAC na promoção de uma sexualidade livre, informada, aberta e respeitadora das diferenças?

Fazem-se campanhas de distribuição de preservativos, que são uma boa ideia! Devem no entanto ser enquadradas em processos de (in)formação da comunidade académica para uma sexualidade saudável, livre e solta de preconceitos.

Fruto da sua história e tradições - e de acções desenvolvidas nos últimos anos -, a Universidade de Coimbra exerce uma forte atração sobre estudantes de diferentes nacionalidades, de diferentes culturas, nomeadamente da Europa, dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e do Brasil.

Este cosmopolitismo aparente esconde, no entanto, um pouco investimento na promoção da multi-culturalidade na academia, ou em

campanhas anti-racistas e contra a xenofobia. Existem reais situações de racismo e xenofobia na nossa academia, que exigem a intervenção de todos, nomeadamente dos dirigentes académicos para a sua resolução.

Comemorações à parte - diz-se que 2003 é o Ano Europeu da Pessoa Com Deficiência - como se pensa, e age na integração do cidadão/dá deficiente na academia coimbrã?

Como se pensam as questões relacionadas com o estudante deficiente, como os acessos a edifícios, à informação e à sinalética - pois, apesar de algumas mudanças, muito há ainda a fazer!

Muito há a fazer na promoção activa dos Direitos Humanos e Igualdade, a aplicar todo o ano, como veículos de transformação da sociedade. É tempo por isso que a AAC assuma o seu papel nesses temas! E o período eleitoral pode marcar a diferença!

* presidente da Mesa da Assembleia Geral da associação juvenil não te priva - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais (jbarroso@iol.pt)

** presidente da Direcção da associação juvenil não te priva - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais (pjvieira@yahoo.com)

SANTUÁRIO



O Rock invade a cidade

Rua Almeida Garrett 7-9 Coimbra
www.santuariobar.com



ANA LAURA

A última Assembleia Magna, onde foram decididas novas medidas de contestação à actual política para o ensino superior, contou com a presença de mais de mil estudantes

Contestação continua

Faculdades encerram durante dois dias, mas serviços mínimos vão ser garantidos

Foram decididas novas formas de luta para o ensino superior.
Após o encerramento da universidade, amanhã e quinta-feira, os estudantes voltam à rua para protestar

Margarida Matos

As facultades e todos os departamentos da Universidade de Coimbra (UC) vão ser encerrados a cadeados nos próximos dois dias. A medida, deliberada em Assembleia Magna, continua a gerar polémica entre a comunidade universitária.

A utilização de cadeados no recente fecho da Porta Férrea e acessos à reitoria suscitou fortes críticas por parte do reitor Seabra Santos e de alguns docentes da faculdade de Direito, que se viram impossibilitados de dar aulas e chegaram mesmo a apresentar participações criminais contra vários estudantes, entre os quais o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Victor Hugo Salgado.

Contudo, o estudante afirma-se determinado em continuar com esta forma de protesto, porque "existe uma forte mobilização e participação da academia de Coimbra, que sabe o que quer para o futuro". Recorda mesmo que o encerramento da universidade a cadeado não é uma situação nova, pois desde 1977

que todos os encerramentos se efectuaram nestes moldes. Mas acrescenta que apesar da utilização de cadeados, "os serviços mínimos da instituição serão assegurados", nomeadamente as consultas médicas de psicologia.

No entanto, em Maio, foi assinado um documento entre a reitoria e a DG/AAC, que estabelece um consenso em relação à política educativa do governo e ao funcionamento da luta estudantil. Assim, durante as acções de contestação é suspensa a entrega de trabalhos, a realização de testes, exames e frequências e do regime de faltas. De acordo com Victor Hugo Salgado, na sequência do acordo, "havia uma consciência generalizada, na universidade, de que nunca mais existiriam encerramentos a cadeado, mas somente greves".

Mas "os contornos que a política educativa atingiu obrigam a fazer a distinção entre os conceitos de greve e de encerramento", ressalva o diri-

gente. E explica: "Uma greve faz-se no sentido de marcar uma posição inicial na contestação, quando não se tem a certeza da mobilização efectiva que é dada para uma acção de protesto". Por sua vez, sublinha que um encerramento tem lugar "quando se tem a consciência de que a mobilização é crescente e é, no momento, essa a realidade".

De acordo com o reitor Seabra Santos, o fecho através de cadeados é "uma acção ilegal" pois impede os restantes membros da UC de acederem aos locais de trabalho. No entanto, na última Assembleia da Universidade, Seabra Santos atribuiu as responsabilidades ao Governo pelo "ambiente de crispação que se vive na universidade".

Apelo à união

O presidente da direcção-geral reconhece que o encerramento, motivado pela "desresponsabilização governamental", traz aspectos

Eleições para DG/AAC adiadas

O presidente da Comissão Eleitoral, Nuno José Mendes, confirmou já que as eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC) foram agendadas para nova data. A decisão surge no seguimento da deliberação saída da última Assembleia Magna, que determinou a formulação de um pedido de alteração das datas das eleições. O objectivo é fazer com que o processo eleitoral, inicialmente previsto para os dias 26 e 27 deste mês, não interfira com a acção de luta nacional dos estudantes, que estava já programada para o dia 25.

A primeira volta acabou por ficar marcada para os dias 3 e 4 de Dezembro, ficando a segunda volta, caso seja necessária, agendada para os dias 10 e 11 do mesmo mês.

A proposta foi apresentada em Magna pelo presidente da Direcção-Geral da AAC, Victor Hugo Salgado, e, apesar de não ter sido levada a votação, não houve ninguém que se manifestasse contra.

negativos, sobretudo no que diz respeito a uma desunião interna na relação directa entre alunos e docentes e a "uma desunião excessiva ao nível da instituição".

A este propósito, Seabra Santos apelou, na última Assembleia da Universidade, à união entre os diversos corpos da universidade. Também Victor Hugo Salgado destaca que "a instituição está unida no que toca a quem atribuir responsabilidades por este processo: o Governo". Para o estudante, "o executivo criou uma clivagem interna com uma política de desresponsabilização e cobardia, pois estabelece os valores das propinas, das prescrições e do peso dos estudantes nos órgãos dirigentes, mas quem os aplica são as instituições". Critica ainda a pressão sobre as instituições na altura da fixação do valor das propinas ao definir que o montante deve estar de acordo com a qualidade dos estabelecimentos.

Victor Hugo Salgado aponta a ausência de um critério de comparação entre as universidades e destaca que "as instituições não vão afirmar que não têm qualidade e por isso não vão fixar a propina mínima". Assim, o princípio das propinas, "em vez de incrementar a qualidade do ensino apenas assegura o pagamento das despesas correntes", conclui.

Para avaliar o processo de contestação está já agendada para quinta-feira uma nova Assembleia Magna. Ontem realizou-se um plenário de discussão, aberto a todos os estudantes, mas até à data de fecho desta edição não foi possível obter informações sobre a reunião.

ENDA aprova medidas de contestação

Depois de um início de ano lectivo marcado pela contestação estudantil, os estudantes universitários voltam a realizar protestos de rua no próximo dia 25 de Novembro. A aprovação de uma manifestação nacional descentralizada nas principais cidades do país foi uma das medidas deliberadas sábado, no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) extraordinário realizado em Coimbra. A reunião para além de ter aprovado novas ações de protesto foi também o balanço da contestação estudantil até ao momento.

Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), anfitriã da reunião, sustentou que justificou a decisão de optar por manifestações locais simultâneas em vez de uma manifestação centrada em Lisboa "pela necessidade de pôr muita gente na rua". No que toca à manifestação de 25 de Novembro, o dirigente salienta que uma acção deste tipo "apenas em Lisboa seria limitativa para muitos estudantes".

Também Nuno Mendes, presidente da Federação Académica do Porto, reconhece que as ações deliberadas em ENDA são a confirmação de que a luta estudantil tem assinalado um crescente sucesso, mas defende que "não se pode parar enquanto o Governo não alterar a política para o ensino superior".

Para Miguel Teixeira, presidente da Associação Académica de Lisboa, a manifestação do próximo dia 25 de Novembro é "o reflexo da asfixia orçamental com que se debatem as associações de estudantes". No entanto, apela à mobilização de estudantes para mais esta acção de protesto, visto que a contestação "deve apostar na continuidade".

Por seu lado, José Alberto Rodrigues, presidente da Federação Nacional das Associações do Ensino Superior Particular e Cooperativo, pretende "manter a posição de não entrar em nenhum acto de contestação do ensino superior público". Acrescenta ainda que, como tem existido uma abertura pela parte do ministério em encarar o ensino particular e cooperativo da mesma forma que o ensino superior público, "não há qualquer vantagem em ir protestar para a rua".

Foi ainda aprovada uma moção de solidariedade para com os membros da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra e outros estudantes que foram alvo de queixas crime por docentes da faculdade de Direito, na sequência do encerramento da Porta Férrea e da zona da reitoria a cadeado.

A criação de uma carta a distribuir pela população com as reivindicações dos estudantes e de uma outra dirigida aos diversos corpos dos estabelecimentos de ensino superior para apelar à união da comunidade universitária foram outras das decisões decretadas

8 UNIVERSIDADE

Especialista critica lei de financiamento

“É um logro quando se diz que o Estado é o grande financiador da educação”, afirma Belmiro Cabrito

Numa altura em que a contestação estudantil à actual lei de financiamento endurece, A CABRA foi falar com Belmiro Cabrito, especialista em financiamento do ensino superior

Emanuel Graça

Belmiro Cabrito, investigador na área da Economia da Educação, é um homem desconfiado em relação às actuais políticas para esta área. Afirmando-se contra as propinas por princípio, o autor da obra “Financiamento do Ensino Superior” demonstra-se preocupado com a actual reforma do sistema do ensino superior, que considera esconder uma crescente mercantilização da educação.

É muito crítico quanto à forma como o ensino superior é apresentado em Portugal. O financiamento do ensino superior em Portugal é um logro?

É, na maneira como é vendido. Dizer que o Estado é o maior financiador do ensino superior só é verdade se considerarmos que apenas os custos institucionais, ou seja, a manutenção de uma faculdade aberta, são custos do ensino superior. Se virmos o problema nesta perspectiva, efectivamente aquilo que os alunos entregam às instituições mediante o pagamento dos direitos de matrícula, mesmo que acrescido para os 852 euros, continua a representar uma parte mínima das despesas de funcionamento e pessoal de uma faculdade. Agora se, pelo contrário, nos colocarmos na óptica de que os custos do ensino superior

não são aquilo que o Estado gasta mas aquilo que é necessário gastar por toda a colectividade - Estado e indivíduos - para que haja alunos na faculdade, então, tirando um pequeno grupo de cursos (medicina, veterinária, agronomia, farmácia), quem mais gasta são os alunos e as suas respectivas famílias. Por isso é um logro quando se diz que o Estado é o grande financiador da educação - nessa altura, o Estado só está a vender uma coisa: está a vender a educação como um edifício, com pessoal lá dentro que trabalha. Esquece todas as despesas que são realizadas pelos jovens para poderem estar dentro do edifício, e sem os quais este não funciona. E basta olhar para os dados para perceber-lo. Por exemplo, em 1994/1995, um curso na área das ciências sociais do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa custava, em média, cerca de 80 euros mensais ao Estado. Ora, entre deslocações, alimentação, alojamento e material escolar, os alunos gastavam cerca de 275 euros. Ou seja, embora o Estado seja o grande financiador das universidades, não é o grande financiador da educação. São coisas diferentes.

Por isso, é contra as propinas?

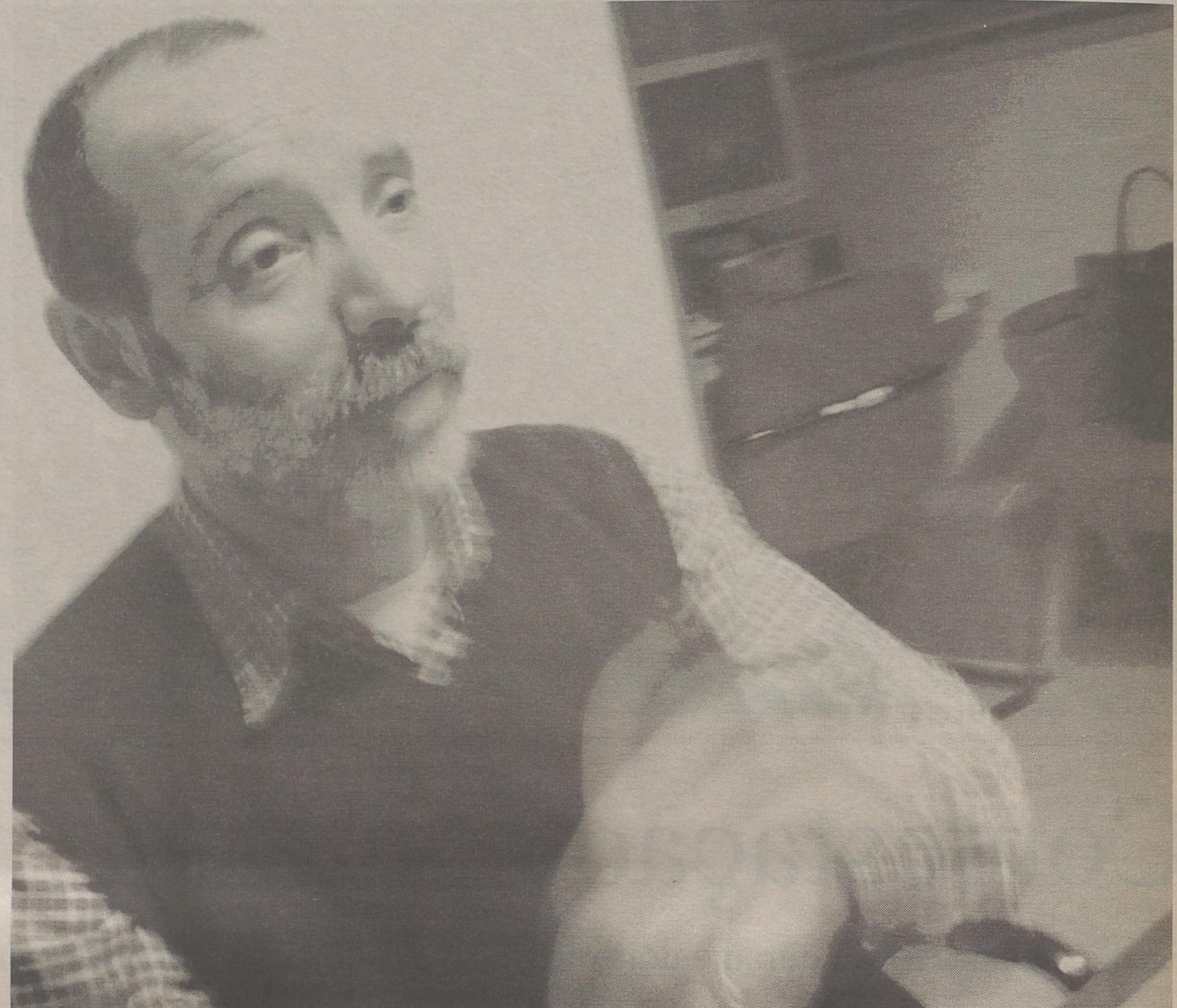
Há uns anos, era completamente contra as propinas. Neste momento, continuo fiel a essa posição, só que existe uma lei que nos obriga a coloca-las e, como tal, sou obrigado a fazê-lo. Por outro lado, consigo aceitar aquela conversa de alguns políticos e colegas que afirmam que a educação também é um bem apropriado em termos privados, e que defendem que então

os jovens paguem para lhe ter acesso. O que significa aceitar o pagamento de uma propina, não no actual sentido, mas como uma taxa de frequência, com valor mínimo e não como o previsto. Agora, como membro do Conselho Directivo (CD) da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, por muito que me tenha custado estabelecer propinas, tive de votar, com os meus outros colegas, pelo aumento das propinas para os 600 euros. Isto porque as nossas receitas não cobriam as despesas necessárias para manter a faculdade a funcionar. O que fizemos foi pegar no valor em falta, dividir por 1000 (o nosso número de alunos), obtendo um valor de cerca de 575 euros, o qual foi arredondando para 600 euros, de forma a dar também alguma margem de manobra financeira à faculdade. Isto para dizer que, mesmo sendo contra as propinas, mas estando neste momento no CD, fui forçado a fazer um cálculo e a explicar aos alunos como é que uma pessoa que é contra esta taxa lhes está a dizer “paguem 600 euros”.

Perfil

Belmiro Cabrito é mestre e doutor na área das Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Professor auxiliar nesta instituição, leciona e investiga nas áreas da Economia da Educação, Administração e Formação.

Autor do livro “O Financiamento do Ensino Superior”, que constitui uma versão reduzida da sua dissertação de doutoramento, é ainda licenciado em Economia, pelo Instituto Superior de Economia e Gestão, e em Ciências Político-Sociais, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, ambos pertencentes à Universidade Técnica de Lisboa.



A acção social devia ser uma maneira de criar “condições de igualdade”, defende Belmiro Cabrito

“Logro da equidade”

Defende que o ensino superior é elitista, para defender o “logro da equidade” na universidade. Porquê?

Se formos ver como é a distribuição social dos estudantes do ensino superior, vamos verificar que há uma representatividade completamente desarticulada entre os diversos estratos sociais na universidade e a forma como estes estão representados. Passando a números, a classe alta, que representa cerca de dez por cento da sociedade portuguesa, constitui quase um quinto da população a frequentar o ensino superior. Por outro lado, a classe média-baixa, das carreiras profissionais menos qualificadas e que constitui quase 40 por cento da população portuguesa, apenas representa um oitavo da população universitária. Há aqui uma desregulação bastante grande - não existe uma relação de representatividade entre a distribuição social nacional e a distribuição social no ensino superior. Logo, quando se fala no “logro da equidade”, contraria-se a ideia de que o ensino é gratuito e igualmente acessível a todos.

A acção social não pode ser uma forma de inverter essa tendência?

A acção social deveria ser uma maneira de inverter essa tendência. Mas isso se a acção social funcionasse, de facto, para criar condições de igualdade. Agora se, por exemplo, no caso do alojamento, este sistema não consegue abranger todos os estudantes

deslocados, onde está a equidade nessa situação? Ou onde é que a acção social está a ajudar a minorar a situação? Se falarmos agora nas bolsas, a questão mantém-se. O que é que a acção social escolar está a fazer?

Ensino superior e mercado

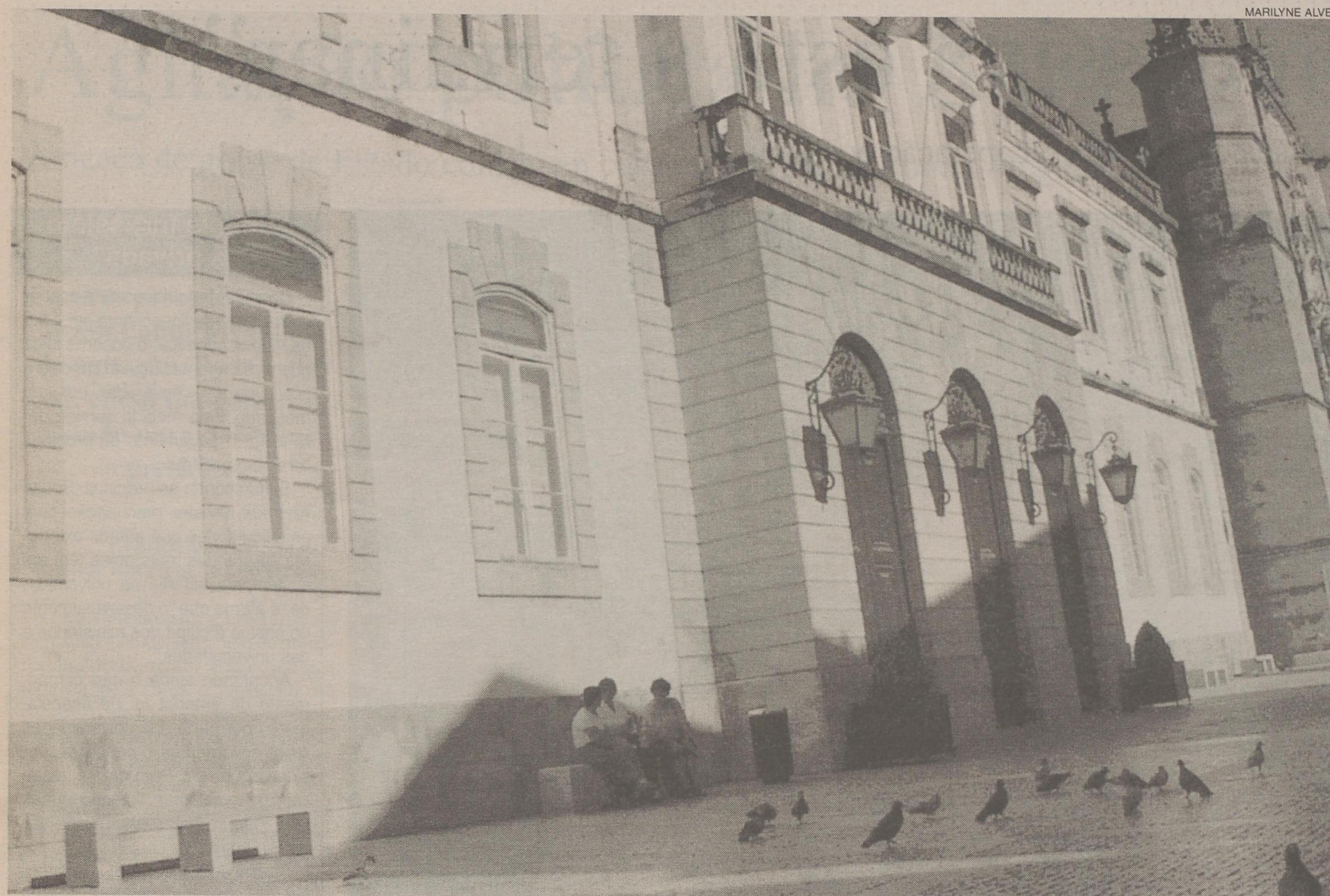
Considera que, em Portugal, as políticas para o ensino superior são primordialmente definidas pelo mercado ou antes por outro tipo de objectivos, nomeadamente objectivos sociais?

Não são, definitivamente, situações de natureza social que estão por detrás das políticas de ensino superior. Isso seria acreditar que o ensino é indispensável para um país sobreviver e competir, o que não acontece actualmente em Portugal. O que não quer dizer também que os objectivos sociais estejam completamente arredados. Se fosse só o mercado a ter influência, então provavelmente não existiria uma propina de 852 euros, havia mensalidades de 200 ou 250 euros. O que se passa é que temos aqui uma política dúbia, em que o Estado não teve vontade de maximizar as capacidades da universidade pública, e favoreceu o surgimento do privado. E isto só tem razão de ser num contexto em que

“Não são situações de natureza social que estão por detrás das políticas de ensino superior”

exista uma outra lógica no sistema que não a social, nomeadamente a lógica de mercado. O problema é que, nas políticas do ensino superior, o mais mediático é sempre o financiamento, nomeadamente a questão das propinas, mas a verdade é que esta é apenas uma parte de todo o edifício. Neste momento há algo a que as pessoas não estão a dar atenção, nomeadamente o projecto de reformulação da lei de autonomia, e que combate frontalmente os órgãos colegiais, o que, a meu ver, é altamente não democrático. Se a isto juntarmos que actualmente se debate na Assembleia da República a nova lei de Bases da Educação, onde se discute a natureza pública ou privada da educação na sua generalidade, e onde a direita está em maioria, é previsível que venhamos a ter uma lei que, de certo modo, acolha a ideia de que a educação é uma mercadoria e não um bem público. E então o edifício está todo construído: uma lei de financiamento que vai pela privatização, uma lei da autonomia que vai pela personalização do

poder e uma lei de bases do sistema educativo que vai pela problematização da natureza pública da educação, rumo à sua mercantilização. E tudo isto cheira a políticas de direita, a políticas liberais.



MARILYNE ALVES

Área Metropolitana de Coimbra é mais do que uma mera associação de municípios, afirma o presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Coimbra vai ter área metropolitana

Assembleia Municipal tem o voto final

A Área Metropolitana de Coimbra, que deve estar concluída até Fevereiro de 2004, pretende apostar no desenvolvimento dos vários concelhos e na resolução conjunta dos problemas

**Joana Montenegro
Teresa Neto**

A reunião camarária de 3 de Novembro resultou num passo importante para a adesão da cidade à Área Metropolitana de Coimbra (AMC), embora sem a presença dos vereadores do PS, que abandonaram a sala. A decisão final cabe agora aos deputados municipais, que vão reunir no próximo mês.

A criação de uma Área Metropolitana está dependente de várias condições, como um determinado número de municípios, densa mancha populacional e um conjunto de movimentos pendulares que a justifiquem. O seu objectivo mais importante é facultar uma maior eficácia e funcionamento dos serviços e

das respostas às necessidades das populações.

A AMC vai ser constituída por catorze municípios: Montemor-o-Velho, Figueira da Foz, Soure, Condeixa-a-Nova, Cantanhede, Mealhada, Mira, Penacova, Vila Nova de Poiares, Lousã, Miranda do Corvo, Penela, Góis, tendo em conta que cinco concelhos ainda não responderam ao convite e que o concelho de Tábua entrou para a Área Metropolitana de Viseu.

O financiamento das áreas metropolitanas está dependente da transferência de verbas do Programa de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDAAC), previsto no Orçamento de Estado (OE).

O presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, considerou a AMC como "uma nova forma de juntar os esforços das autarquias envolvidas para a consideração conjunta dos vários problemas", sendo estes "a questão das acessibilidades, dos transportes, das localizações industriais e a política de habitação. Problemas que devem ser encarados "em conjunto e não individualmente". Carlos Encarnação considera assim que a AMC é mais do que uma mera associação de municípios, tendo cada

um "a possibilidade de utilizar um mecanismo administrativo próprio".

Em relação ao diploma que define as áreas metropolitanas, salienta que faltam "critérios de constituição mais certos, mais seguros e um esclarecimento maior em relação aos níveis de transferência de competências e aos níveis de financiamento".

PS apoia AMC mas critica Encarnação

Luis Vilar, vereador socialista da Câmara Municipal de Coimbra, mostra-se favorável à constituição da Área Metropolitana de Coimbra. Contudo, não está de acordo que "a AMC exista e depois o Governo não tenha respeito por esta área metropolitana com falta de investimento na acessibilidade e nos transportes". E salienta que as áreas metropolitanas "não têm financiamento e estes passam pela transferência de verbas do OE, o que em geral não tem acontecido". Com uma atitude crítica em relação ao actual executivo camarário, considera que o que se esperava deste era "uma esfera de influência suficiente junto do Governo, para arrancar e avançar quer na área das acessibilidades quer na área dos transportes".

Admitindo que as áreas metropolitanas são hoje "exclusivamente uma associação de municípios", salienta que podem servir "para ter peso político junto da administração central para captar financiamentos". Neste ponto, o vereador socialista critica o presidente da edilidade por ter falta de "peso político".

Questionado sobre o abandono da reunião camarária por parte dos vereadores socialistas, Luis Vilar esclareceu que este não foi originado pela questão da AMC, mas pela atitude de Carlos Encarnação ao "desrespeitar o órgão democraticamente eleito, fazendo conferências de imprensa antes das reuniões camarárias", usando para tal técnicos da autarquia que devem informar primeiro os vereadores e só depois os jornalistas.

A existência de uma entidade que possa gerir determinadas tarefas, como acessibilidades, transportes, ordenamento, infra-estruturas de saneamento a uma escala não meramente concelhia, é uma das vantagens da criação de uma área metropolitana. A ideia será potenciar um maior desenvolvimento, com distribuição de riqueza mais equitativa, reforçando as competências das autarquias locais.

Empresa Águas de Coimbra negoceia com trabalhadores

**Liliana Gonçalves
Filipa Oliveira**

A reunião de sexta-feira entre administração e sindicatos resultou numa contraproposta da empresa considerada como uma boa base para se conseguir um acordo. A proposta apresentada, segundo os representantes sindicais, parece contemplar medidas de natureza salarial, abrangendo todos os trabalhadores, apesar de ainda estar longe daquilo que os sindicatos pretendem. A reunião foi vista, por ambas as partes, como uma base para chegar a um acordo, que tem como objectivos principais a melhoria das condições dos trabalhadores.

A apresentação de propostas à empresa Águas de Coimbra, por parte dos trabalhadores ligados ao SINTAP (Sindicato dos Trabalhadores da Administração Pública), há cerca de três meses, e por parte do STAL (Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local), no mês passado, não obteve a resposta pretendida.

A situação desencadeou, no dia 5 deste mês, uma greve dos trabalhadores da empresa, que assegurou apenas os serviços mínimos. O protesto permanecerá até à celebração do "acordo de empresa", caso contrário os manifestantes ameaçam paralisar os serviços por tempo indefinido, prejudicando assim todo o concelho de Coimbra.

A privatização da administração da empresa reflectiu-se sobretudo na contratação de novos trabalhadores, que difere do antigo sistema (trabalhadores dos extintos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamentos de Coimbra) no que diz respeito aos salários, aos horários laborais, aos períodos de férias, entre outras regalias. Neste sentido, a exigência de um "acordo de empresa" pretende a igualdade de direitos para todos os trabalhadores, dando um especial ênfase à questão salarial.

Horácio Pina Prata, presidente do Conselho de Administração da Águas de Coimbra, afirma que todos os trabalhadores têm direito à greve. Contudo pensa que "esta decisão foi desadequada", tendo em conta que o calendário negocial termina apenas dia 16 de Dezembro. "Foi, de facto, uma tempestade num copo de água que prejudica, essencialmente, os próprios trabalhadores", refere Pina Prata.

Salienta ainda que o "acordo de empresa" foi proposto pela própria administração com o objectivo de aumentar a produtividade, proporcionar melhores condições aos funcionários e, simultaneamente, melhorar a gestão empresarial dos serviços. No entanto estas medidas devem ser aplicadas gradualmente.

Para José Abraão, vice-secretário geral do SINTAP, toda esta situação poderia ter sido evitada se tivesse havido uma resposta imediata e maior interesse por parte da empresa. O dirigente sindical ressalva também que qualquer decisão sobre este assunto deve ser unânime, sem nunca prejudicar os trabalhadores.

10 NACIONAL

“A fase recessiva está a terminar”

Sousa Andrade demonstra-se confiante na recuperação económica

Numa altura em que a economia parece dar alguns sinais de retoma, Sousa Andrade, docente da faculdade de Economia, relembra que ainda não é tempo para euforias

**José Miguel Abrantes
Hélder João Pinto**

João Sousa Andrade, professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, doutorando em Ciências Económicas pela Faculdade de Ciências Económicas da Universidade de Poitiers (França), fala da cíclicidade dos períodos ascendentes e descendentes da economia, mas também opinou sobre a temática do ensino superior.

Qual a visão que tem do panorama sócio-económico do país? O que pensa do sentimento generalizado de crise nas várias camadas sociais?

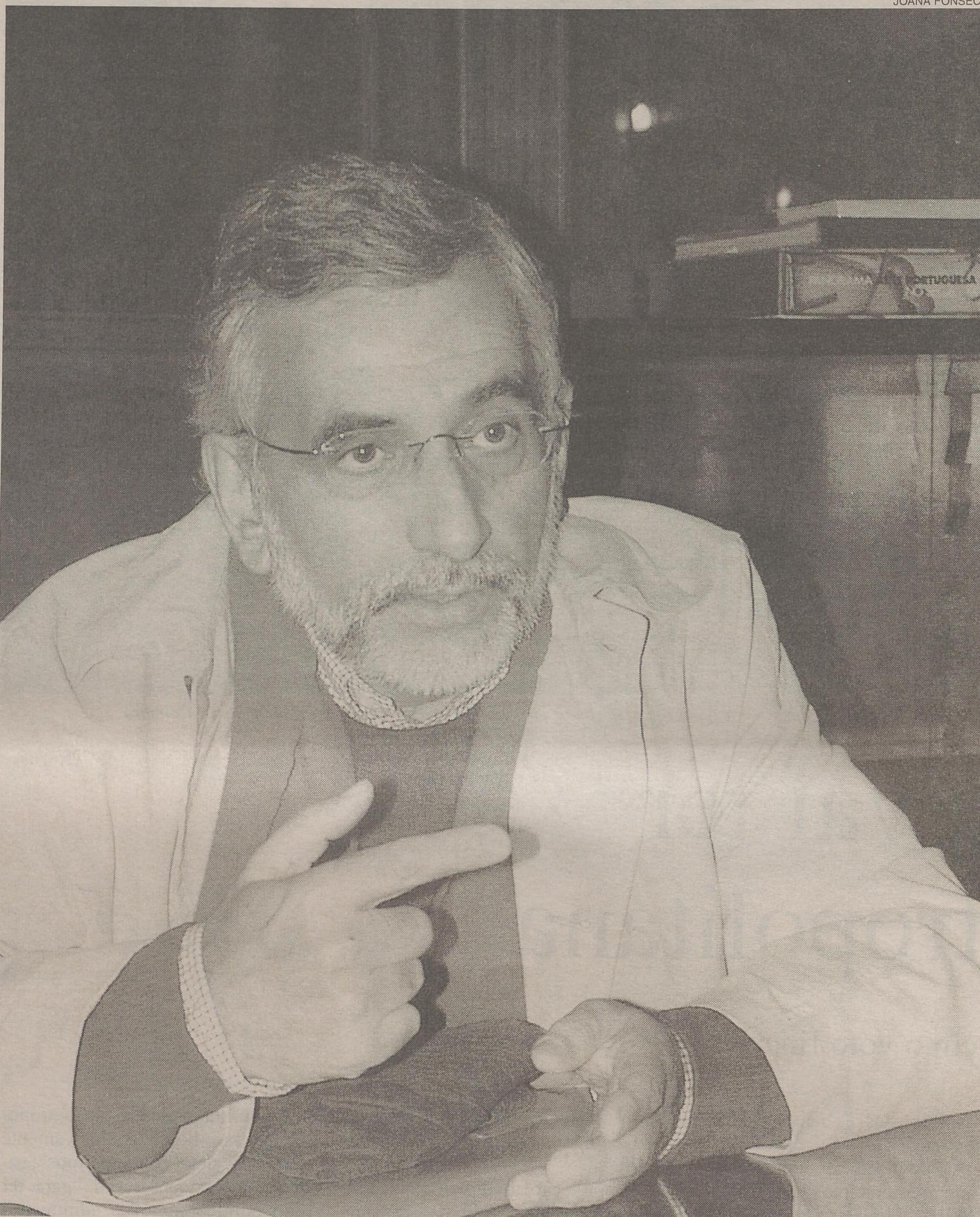
Observa-se que estamos numa fase recessiva que está a terminar. Tal como nos outros ciclos este também vai ter a sua evolução. O que se segue será mais favorável.

Uma visão optimista?

Não é optimista, mas de economista. O ciclo económico, tal como teve uma fase descendente, há-de ter uma fase ascendente. Em 83/85 e em 94 tivemos situações equiparadas, sendo que em 83/85 foi pior devido aos salários em atraso e a uma grande confusão social, que não existe agora. Quanto à crise actual, não sendo tão grave como a de 83/85, também não posso dizer que seja melhor. O crescimento da economia de 85 até 91 foi excepcional, foi a fase ascendente do ciclo. Nunca tinhos tido um crescimento desses em Portugal e, no último ciclo que tivemos, a fase ascendente já não “cresceu” tanto, o que se deve a situações económicas externas e não a competências políticas. De 85 a 91 houve um saber aproveitar, correctíssimo, mas que correspondeu à fase de entrada na Europa, com os benefícios inerentes. Contudo, esgotou-se na última fase do ciclo ascendente.

De acordo com o INE, alguns sectores da indústria transformadora, comércio e construção, embora ainda em nível negativo, atingiram os valores mais elevados dos últimos 13 meses. Bruxelas aprovou, recentemente, seis grandes projectos de construção em Portugal. Serão sinais de retoma económica?

A política que está a ser feita a nível orçamental procura reduzir custos, aumentar a competitividade, podendo atrasar um pouco mais a fase da retoma. Não podemos dar pulos de alegria porque o que está a acontecer na Europa está também dependente do que acontece nos EUA. É melhor aguardar, mas tudo isto é cíclico.



A ministra das Finanças procura “controlar custos”, adianta Sousa Andrade

Olhando para o Orçamento de Estado, acha-o equilibrado ou o Governo limitou-se a gerir fundos escassos para minimizar os prejuízos?

A ministra dá a ideia de que, de facto, se limita a fazer a gestão de fundos escassos. Ela procura controlar custos.

Um dos problemas que temos nalguns sectores da economia portuguesa é que não são competitivos e a única maneira de se tornarem competitivos é através do controlo de custos.

“Infelizmente as taxas de juro irão subir quando a retoma começar a ser feita.”

E como podemos associar a “nossa” retoma à retoma económica da zona euro?

A nossa retoma

será sempre ligeiramente posterior. Nós não temos procura para dinamizar os outros, são os outros que nos dinamizam. Temos que esperar as exportações e por aí dinamizamos a procura.

Na sua visão de economista, que outros vectores poderão atingir a

aumentar e passariam então a ter outro problema: a retoma iniciava-se e as nossas empresas não poderiam participar porque teriam custos mais elevados. Eu acho adequado fazer esse tipo de política de controlo de custos tendo em atenção o comportamento recente da economia portuguesa.

retoma económica?

Fazer uma retoma económica baseada na política orçamental pode ser extremamente negativo, não por ser contra a posição de intervenção de Estado na economia, mas porque isso faria aumentar a taxa de inflação e os custos. Não devemos preocupar-nos só com a questão da retoma, pois a política da ministra é de procurar aumentar a nossa competitividade. O outro problema será “e no futuro?”, ao que ela não poderá responder com o orçamento de Estado. Outras políticas são necessárias.

A dificuldade de cumprimento dos objectivos da Política Económica Comum (PEC) por parte dos três maiores países da União Económica Monetária é a confirmação de que a economia europeia precisa urgentemente de outros estímulos?

A PEC é uma norma necessária para proteger o cidadão dos políticos. Se não existissem esses três por cento, os políticos em alturas eleitorais facil-

“Lobbie fortíssimo na privada”

Considerando necessário acabar com a ideia da licenciatura ser o fim da vida académica, o docente julga que os estudantes devem concluir a licenciatura e enveredar por um mestrado. Esta medida serviria para evitar o pagamento de propinas livres em mestrado.

Sendo contra as propinas, Sousa Andrade, mostra preocupação com as dificuldades que alunos exteriores às grandes metrópoles têm em sustentar a estadia na universidade, e afirma que “o desinvestimento no ensino é culpa dos ministérios e das universidades”.

Apontando ainda o não cumprimento da anterior lei de financiamento por parte das universidades e dos governantes, o professor considera que, em Portugal se resolvem os problemas fazendo outras leis. “Não se aplica uma e por isso faz-se outra.”

Sousa Andrade refere a existência de uma concorrência desleal entre universidades públicas e privadas, exemplificando que os alunos das privadas, enfrentando outros níveis de exigência, terminam as licenciaturas com médias elevadíssimas e, assim, são preferidos em concursos de emprego, concretamente na função pública. A estes problemas “os governantes associam para o lado, fingem que nada vêm”.

O docente defende que os estudantes da pública estão a ser prejudicados de uma forma “vergonhosa” devido à existência de um “lobbie fortíssimo na privada” que consegue bolsas e financiamentos e que tem funcionado até ao nível dos media. “Obviamente a pública não investe nada nisso, nem tem nada que investir”, conclui.

mente fariam atingir os seis ou os sete por cento. O grande problema é que depois é tão inflexível que não permite ajudar os cidadãos na economia quando deve. Aí são os povos europeus que têm de saber escolher os seus políticos para não fazer políticas que, em fases expansionistas, tenham défices elevados e depois obriguem, na fase de contracção, a políticas restritivas para conter o défice. A Comissão Europeia está a avançar no sentido de “harmonizar” o controlo do défice “por ciclo”, tendo em conta todos os factores económicos relevantes a essa análise, para que se torne menos inflexível.

Prevê uma manutenção das taxas de juro nos dois por cento?

Infelizmente as taxas de juro irão subir quando a retoma começar a ser feita. Os bancos vão inflacionar as taxas de juro e, consoante o tipo de retoma que esteja a acontecer, o Banco Central Europeu também fará uma ligera adaptação subindo as taxas.

INTERNACIONAL 11

Agitação política no Zimbabué

Ameaça de golpe de Estado coloca em causa o presidente Robert Mugabe

Mergulhado numa crise económica sem precedentes, o Zimbabué vive dias de agitação. Pode estar em curso um golpe de Estado para derrubar o presidente

Cristina Bastos
Vitor Rodrigues e Oliveira

O Movimento para a Liberdade do Zimbabué (ZFM), um grupo de militares dissidentes recém-criado, ameaça remover pela força o presidente do país caso este não resigne. No entanto, o Governo desdramatiza e a oposição afirma que a luta deve ter lugar no plano democrático.

Presidente do Zimbabué desde 1987, Robert Mugabe é cada vez mais contestado. As críticas aumentaram de tom após a reeleição de Março de 2002, considerada fraudulenta pela oposição e por observadores internacionais. Um ano depois, uma onda de protestos era reprimida pelo regime do partido de Mugabe, ZANU-PF (União Nacional Africana do Zimbabué), em que cerca de 30 pessoas foram mortas e cerca de 1400 feitas prisioneiras, segundo diferentes ONG's de ajuda humanitária.

Esta contestação continua a pôr em causa a permanência de Mugabe na cadeira do poder. Um cenário que levou à criação do ZFM, cujos membros já não acreditam na solução de mudança pacífica e democrática com Mugabe.

Todavia, o principal partido da oposição, MDC (Movimento para a Mudança Democrática), nega conhecer quaisquer planos para um golpe de Estado, afirmando mesmo que a solução deve passar pela realização de eleições antecipadas. O próximo escrutínio só vai ter lugar em 2007, mas o MDC clama pela pressão da comunidade internacional para que as presidenciais sejam disputadas mais cedo.

Segundo João Gomes Cravinho, docente de Relações Internacionais na faculdade de Economia, a União Africana - que tem um modelo de organização semelhante ao da União Europeia - não exerce a influência devida porque "os líderes africanos não querem". O docente explica que, "em teoria, os estatutos da organização definem esse papel, mas a pressão que Thabo Mbeki [presidente sul-africano] diz fazer não se sente de todo".

João Gomes Cravinho acredita que "Mugabe está a cavar uma trincheira para garantir o poder a todo o custo". Ainda assim, o presidente deverá abandonar o cargo "no prazo de um ano e meio, porque além de estar numa idade avançada, a situação no Zimbabué está cada vez mais insus-



Presidente Mugabe cada vez mais contestado pela população do Zimbabué

tentável".

A crise, que acumula 70 por cento de desempregados, estende-se a vários sectores da sociedade. O ramo da saúde, por exemplo, não fica indiferente à descida dos ordenados, provocada por uma inflação na ordem dos 460 por cento. Médicos e enfermeiros fizeram uma greve que o Governo zimbabueano considerou ridícula, pela exigência de um aumento salarial de 11000 por cento. Estes números monumentais são o reflexo de um decréscimo nos ordenados, fruto de uma das taxas de inflação mais elevadas do mundo.

A situação económica desfavorável

ao chefe de Estado foi acentuada depois da aposta numa reforma agrária com resultados negativos: expulsou cerca de 2900 agricultores brancos, sem que os novos ocupantes tenham conseguido os níveis de produtividade anteriores. Com fracas colheitas, os números da fome aumentaram, num país sem capacidade para responder à crise que se arrasta há vários anos.

Até ao final de 2003, mais de um terço da população (cerca de cinco milhões de zimbabueanos) vai necessitar de ajuda alimentar. De resto, o controlo dos recursos, nomeadamente da comida, é para Gomes Cravinho uma questão essencial.

Instabilidade regressa ao Sri Lanka

Rui Simões
Carlos Portela

Com o primeiro-ministro Ranil Wickremesinghe de visita aos EUA, a presidente Chandrika Kamaratunga demitiu os ministros da Defesa (Tilak Marapuna), do Interior (John Amarantunga) e da Informação (Imhtiaz Bakker Markar). Kamaratunga decretou também o estado de emergência, suspendeu o parlamento nacional, tomou o controle dos media, e reforçou os poderes das Forças Armadas do Sri Lanka.

Em declarações à BBC a presidente afirma que este "passo foi dado depois de ter sido cuidadosamente ponderado, para impedir uma maior deterioração na segurança do país". Acusou Marapuna de pôr em causa a segurança da ilha, aponta o dedo a Amarantunga por perseguição aos apoiantes do partido a que ela pertence, e critica Markar pela falta de cobertura de certos acontecimentos por parte dos meios de comunicação social.

A constituição do Sri Lanka confere ao presidente poderes quase ilimitados, permitindo-lhe demitir os ministros sem que lhe seja necessário apresentar razões.

Esta decisão surge depois de em 2001 o partido da presidente ter perdido a maioria no parlamento o que levou a uma coexistência difícil entre o seu partido e o do primeiro-ministro.

Um dos pontos de discordia são as negociações de paz com os Tigres Tamil (LTTE). O conflito com os LTTE prolonga-se há cerca de duas décadas, provocou já mais de 64 mil mortos e levou o país ao caos económico. As negociações com os LTTE encontram-se neste momento postas em causa. Isto, depois do primeiro-ministro, eleito em 2001, ter apresentado como principal promessa eleitoral o regresso da paz ao país. Contudo, a presidente considera ilegal o acordo de paz assinado entre o Governo e os rebeldes em Fevereiro, dado não ter recebido a concordância da presidência.

Kamaratunga assegura, no entanto, que continua "disposta a discutir com os LTTE" mas seguindo outros parâmetros. Por seu lado, o Governo reitera a intenção de avançar com as negociações previstas para o final do mês.

Nunca antes uma decisão como a de Chandrika Kamaratunga havia sido tomada neste país. O próprio partido que apoia a presidente é contra o modo como o processo de paz está a ser encaminhado.

Esta posição da presidente é encarada pelo primeiro-ministro Wilkremesinghe como "uma tentativa deliberada de acabar com o processo de paz e de mergulhar o país na anarquia". O líder do Governo veio já apelar à calma, afirmando que esta não é a primeira crise que enfrenta e que, possuindo maioria no parlamento, tem um mandato "para levar a paz ao país".

Entretanto a Presidente da República do Sri Lanka decretou estado de emergência, o que confere às forças de segurança poderes alargados para prender suspeitos e mantê-los detidos durante um ano sem acusação.

EUA querem Governo iraquiano em Junho

Ataques recentes no Iraque e proximidade de eleições nos EUA obrigam Administração Bush a adiantar a data para as eleições no território e a entrada em cena de um Governo iraquiano

Liliana Carona
Dinarte Melim Velosa

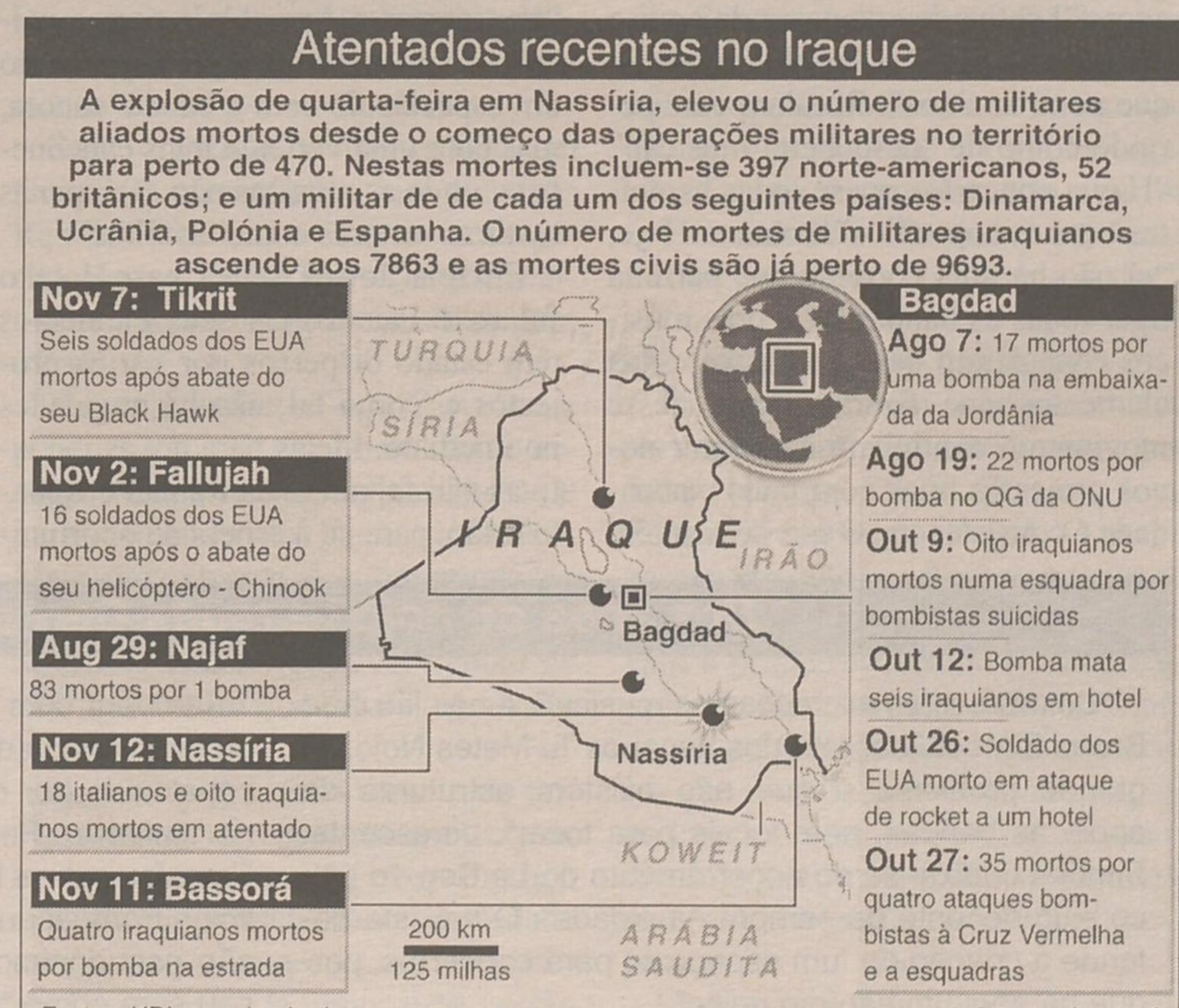
Após uma reunião com George W. Bush, o administrador americano no Iraque, Paul Bremer, referiu que as tropas da coligação vão deixar de ser uma força de ocupação, propondo transferir o poder para as autoridades iraquianas até ao Verão de 2004. Segundo o chefe da diplomacia americana, Colin Powell, é intenção dos EUA acelerar o processo para que o futuro Governo iraquiano assente numa base legal. O objectivo passa por manter o exército americano no terreno o tempo suficiente para que o Iraque tenha um governo democrático, que esteja em paz com os países vizinhos e que utilize os rendimentos petrolíferos em favor do país. A Ad-

ministração Bush pretende ter um Governo iraquiano em Junho, mesmo antes da conclusão de uma constituição para o país.

Paul Bremer mostra-se defensor da transição de poderes. Por isso, afirma que os EUA vão continuar a ter tropas no Iraque, mas vão deixar de ser "uma força ocupante, para ser uma força a convite do Governo iraquiano". No seguimento destas declarações, o presidente do Conselho Provisório Iraquiano, Jalal Talabani, declarou à comunicação social que espera que um Governo democraticamente eleito suba ao poder em 2005.

Desde o anúncio oficial do fim da guerra no Iraque que os conflitos e atentados se têm vindo a multiplicar, comprometendo seriamente a possibilidade de uma resolução pacífica. Na justificação dos actos terroristas, os iraquianos defendem a ideia de que são capazes de controlar e organizar as suas estruturas internas e a política externa do seu país, assim como de resolver os próprios conflitos intrínsecos à sociedade civil. No entanto, a conselheira americana, Condoleezza Rice, avisa que os terroristas não têm futuro no Iraque.

Desde 1 de Maio de 2003 que já pereceram mais de 300 soldados norte-americanos no Iraque, sendo cer-



ca de uma centena as vítimas de atentados. Para acalmar os ânimos, Bush veio a público, na passada sexta-feira, afirmar que "as tropas americanas ficarão no Iraque até terminarem a sua missão de conseguir um Iraque livre e pacífico".

O recrudescimento do sentimento anti-americano no Iraque tem aumentado consideravelmente o número de atentados contra as forças de

ocupação, cujo expoente máximo foi o atentado contra a sede da ONU em Bagdad. Na sequência da instabilidade de que se vive no país ocorreu recentemente mais um atentado. Na passada quarta-feira, dia 12 de Novembro, numa base italiana em Nassiria, um camião cisterna carregado de explosivos, vitimou 26 pessoas: 18 italianos (12 carabinieri, quatro militares e dois civis) e oito iraquianos.



Speeding Bullets

Os ecos de Coimbra

Infraestruturas em perigo e falta de condições de habitabilidade são os principais problemas

São muitas e variadas as sonoridades que saem de Coimbra. Das garagens aos estúdios profissionais, projectos não faltam

Sandra Dias
Mário Guerreiro
João Vasco

Em Coimbra, nem só de fado vivem as notas musicais, as cordas e as vozes. Numa cidade que há dez anos era imediatamente identificada com poupanças e brilhantina, mercê do legado indelével dos Tédio Boys, são muitas as bandas que hoje gravam, tocam e ensaiam na Lusa-Atenas. Em escassos caracteres encontram-se algumas das bandas que o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA encontrou. Há surf, rock'n'roll, pop, blues, rock rural (sic), easy listening, chanson française, mas sobretudo uma grande vontade de fazer música, nem que para isso seja preciso afastar vários quilómetros de Coimbra para encontrar uma sala decente. É igualmente uma injustiça dizer-se que apenas os que se seguem fazem música em Coimbra.

E há a Coimbra sem praia mas com bandas de surf, sem estruturas com condições ideais para concertos, mas com pessoas que querem tocar cada vez mais, para cada vez mais.

Maturidade e consistência

Raquel Ralha e Pedro Renato, membros dos Belle Chase Hotel, também integrados no projecto Azembala's Quartet, consideram que a sonoridade que caracterizava Coimbra nos anos 80 se perdeu, "apesar de aqui o movimento musical fervilhar mais do que noutras sítios". Rotulam esse período como de "descoberta musical". "Havia concertos quase todas as noites e em muitos sítios", contam. Hoje, "já não há uma corrente que permita ligar todas as bandas". Os dois músicos consideram que grande parte dos elementos que fizeram parte desse movimento continuam a integrar novos projectos, mas com mais maturidade e consistência. O que se mantém

é a dificuldade que as bandas continuam a encontrar para crescer.

Quanto ao futuro dos Azembala's Quartet, depois de "Música para Esquecer", banda-sonora de "Esquece tudo o que te disse", ambos falam em "transportar o Azembala's para o palco". E adiantam que "já foi montado um espectáculo com a banda-sonora, mas com uma vertente mais cançonista, onde as músicas não são apenas texturas sonoras como no filme".

Em relação aos Belle Chase Hotel o futuro é incerto. Os seus elementos têm estado dispersos por vários projectos e, como tal, não há novidades no imediato. Ideias para novas iniciativas não faltam, mas Raquel e Renato estão, para já, à espera de oportunidades.

dades.

Tal como os Belle Chase Hotel, António Olaio e João Taborda têm dois álbuns editados: "Loud Cloud" e "Sit On My Soul". Olaio, vocalista, ex-membro dos "Repórter Estrábico" é o responsável pelas letras. João Taborda explora as potencialidades da guitarra num registo que vagueia pelo universo da pop. Ambos os álbuns foram editados pela local Lux Records, o que para Olaio é uma clara mais-valia: "Preferimos trabalhar com uma editora da cidade, porque tem mais atenção para com o nosso trabalho".

O duo não tem parado de actuar, nomeadamente em eventos organizados pela Coimbra 2003. Assim, a

maior parte das músicas que vão constituir o novo álbum já foram tocadas ao vivo. "Falta editá-las em álbum", refere.

E a fama de João Taborda e António Olaio começa também a ultrapassar fronteiras. A dupla tem agendado um espectáculo em Nova Iorque e outro para a Cidade do México.

A arma de raios e o homem tigre

"A cena musical em Coimbra é mais inteligente. O pôlo comum é o conhecimento mútuo da música pelas bandas". Esta é a opinião de Paulo Furtado, ex-Tédio Boys, vocalista e guitarrista dos Wray Gunn e o homem por trás da one-man-band de blues, The Legendary Tiger Man.

Na opinião de Furtado, existe interacção e ajuda entre as bandas da cidade: "Sempre houve convivência entre os músicos dos vários estilos, o que é uma coisa difícil de acontecer noutras lados". E, numa cidade onde "a falta de espaços para actuar continua a ser notória", Furtado tem aproveitado as oportunidades lá fora, nomeadamente enquanto Legendary Tiger Man. Durante o Verão tocou no Fuji Rock Festival, no Japão. Com quatro espectáculos agendados, acabou por actuar por sete vezes, uma delas no palco principal, antes de Iggy Pop.

Já em Dezembro, The Legendary Tiger Man vai apresentar o seu novo disco, "Fuck Christmas, I Got the Blues". Pensado para ser um EP, passou a LP, como homenagem ao faleci-

"Dez anos de nojo" e muita Carne de Porco

"Coimbra é um microcosmos musical". A opinião é de Bruno Simões, baixista dos decanos Tu Metes Nojo. "O grande problema é que não existem estruturas de apoio às bandas, nem locais para tocar", acrescenta. Simões queixa-se do encerramento do Le Son, "o único sítio decente de sempre na cidade". O baixista defende a criação de "um espaço só para concertos, porque há aqui um espírito único".

Quanto à banda, comemora em 2004 "dez anos de nojo" e promete novidades. "Vamos lançar um disco duplo com as músicas mais conhecidas e com coisas que fomos gravando". Para comemorar a efeméride, está preparada uma digressão em vários pontos do país e ainda um muito aguardado concerto em Andorra.

Bruno Simões fala também da sua mais recente banda, Project B: "É um projecto novo com baixo, guitarra e muito midi. Viaja pelo dub e pelo rock calminho e estamos a começar".

Também com três palavras encontramos outra banda impregnada de sátira, os Carne de Porco. O grupo é constituído por quatro quase veteranos: Melgossauro, na guitarra, Peidossauro (um dos fundadores dos Émasfoi-se) na bateria, Cromossauro, na guitarra e na voz e Pornossauro, nas teclas e no baixo. Estes nomes são pseudónimos de quatro músicos, que definem o seu som como "rock rural, inspirado em tascas, tabernas e pociegas". Despretensiosos e divertidos, os Carne de Porco vão para o seu terceiro álbum, mais uma gravação caseira. "A brincar a brincar", a banda foi considerada a revelação do ano de 2000 pela ProMúsica.

Os músicos acham que Coimbra tem uma grande variedade musical, "mas em muitos aspectos ainda é província". Por isso, "acaba por não vingar nada", consideram estes músicos que sentem uma vontade especial de tocar no palco da Queima das Fitas.

do Johnny Cash. O álbum vai ser distribuído na Europa e nos EUA. Este é o segundo trabalho do homem tigre, depois de "Naked Blues". Furtado pensa "apostar nos concertos lá fora nos primeiros três meses do próximo ano". Até porque, em Março de 2004, vai sair o próximo álbum dos Wray Gunn, que neste momento estão em estúdio para as últimas gravações. "Falta só gravar um coro gospel. Está quase em fase de mistura", adianta o músico. É o muito aguardado regresso da banda, depois de "Soul Jam", álbum de 2001.

Das cinzas dos Tédio Boys

No lugar da Portela da Cobiça, junto ao bairro da Casa Branca, ensaiam os D3Ö de Toni Fortuna (ex-Tédio Boys), na voz e guitarra, Miguel, na bateria e Tó Rui, na guitarra. Fortuna fala das dificuldades de interligação entre as bandas da cidade e da escassez de oportunidades. Em ano de capital da cultura, as hipóteses do grupo actuar em palcos de Coimbra não têm sido muitas. Ainda assim, Toni Fortuna diz que neste ano "tem havido mais apostas em projectos da cidade".

Depois das últimas actuações, os D3Ö preparam um novo EP para 2004, o segundo após "Six Pack Track". Espera-se "rock espontâneo e impaciente", como os próprios o definem, enérgico, criativo e com umas ligeiras incursões pelo blues e pelo folk.

A banda queixa-se de falta de apoio. "Se não fôssemos nós a trabalhar e a suar a camisola, não íamos a lado nenhum", diz Miguel.

Fortuna dá um exemplo que demonstra bem as dificuldades de um grupo que gosta da alcunha "banda de garagem": "Temos convites para ir ao Algarve tocar, mas não é rentável. O que gastamos em deslocações e alojamento não dá para cobrir o 'cachet'".

O guitarrista Tó Rui critica o "establishment" nacional: "Ninguém quer saber das bandas de Coimbra. Mesmo os estudantes que passam por cá, esquecem-se de nós". Mas desengane-se quem pensa que os D3Ö estão desanimados. Eles prometem continuar "com garra e muita vontade", diz Fortuna.

Os Bunnyranch são André Ferrão (guitarras), Filipe Costa (teclados), Pedro Calhau (baixo) e Kaló, ex-Tédio Boys (bateria e voz) encontrando-se em fase final de acertos para aquela que vai ser a sua estreia nos LP's, no início de 2004, após o EP "Too Flop To Boogie" de 2002, um

exemplo de rock'n'roll ciente do seu passado (seja o blues ou o rockabilly), mas atento a novas abordagens.

A banda manifesta-se algo céptica em relação à existência de uma cena musical própria da cidade, relembrando que muitas são as bandas de "quem nunca se ouve falar porque não saem da garagem".

Pedro Calhau acredita que "se calhar em Coimbra há mais bandas a tocar do que pessoas realmente interessadas em ouvir". Kaló (que canta e toca bateria em pé) relembrava que mesmo quando existiam concertos no Le Son eram poucas as pessoas que lá se deslocavam: "Isto num sítio a apenas cinco quilómetros".

Ainda sobre a questão dos espaços, Pedro Calhau relembrava que "aqui há uns tempos ainda havia os concertos na Cave das Químicas e na Via Lámina", mas agora nos espaços que existem, "como o Pitchclub ou o Patelas", completa André Ferrão, não dá para haver concertos todos os fins-de-semana.

O colectivo não se conforma com a falta de espaços, não tivessem alugado aqui há uns meses um espaço em Lisboa apenas para um concerto, "com a polícia a aparecer à segunda música".

E Kaló vaticina: "Se não pudéssemos ensaiar neste sítio [Semide, nos arredores de Coimbra], íamos ensaiar a 40 quilómetros daqui. A música é só para quem quer". E os Bunnyranch parecem querer mesmo.

Na garagem

Os Mad Rats, compostos por Paulo (voz e guitarra), Lois (bateria) e Pedro (baixo) nasceram em meados de 1998, e navegam pelo surf, rockabilly e garage-rock.

Em relação à música que se faz na cidade, é consensual a ideia de que "em Coimbra há um grande movimento em termos de rock".

Para os Mad Rats "as pessoas daqui parecem que têm medo de ir aos concertos, de bater palmas". A comparação vem da maneira como a banda tem sido recebida nos espectáculos fora de Coimbra. Sobre as relações que se vão estabelecendo entre quem faz música na cidade, Paulo refere que "as bandas já se ajudaram mais".

Depois de uma "época conturbada com várias mudanças na formação", os Mad Rats consideram ter começado agora a sua verdadeira evolução e estão apostados em editar no próximo ano aquele que será o seu primeiro EP.

MARILYNE ALVES



BunnyRanch



D3Ö

JORGE VAZ NANDE



The Mad Rats

Também ainda confinados à garagem estão os Speeding Bullets. Com um som debruçado sobre o surf e compostos por contrabaixo, duas guitarras e uma bateria, a banda pretende mostrar cada vez mais o seu trabalho, até porque a "aceitação tem sido muito boa".

Sobre o estado da música feita em Coimbra, o guitarrista José Eduardo Rebola defende que "morreu um espírito com os Tédio Boys", e que realmente "antes havia mais sítios para tocar".

Para o guitarrista Tiago Carvalho, a preocupação principal nem são os espaços: "Já tocámos em pastelarias e para actuar basta haver vontade". Mais preocupante é a "acomodação das pessoas" para ver concertos. Os Speeding Bullets gostavam então de ver "um evento que desse a conhecer as bandas de cá".

Depois da gravação recente da primeira maquete, o próximo projecto da banda é uma actuação no pediatrónico inserida numa festa de solidariedade para crianças com cancro, a realizar em Dezembro. "Já temos uma versão do Batatoon", partilha o contraixista Bruno Maló. E o que esperam do futuro? "Queremos que ouçam o nosso som", respondem prontamente.

A dar os primeiros passos estão Pedro Ferraz e Ricardo Leitão, dois dos elementos de uma banda nascida dos resquícios dos 69'ers. Para ambos, "há muitas bandas boas em Coimbra". O problema passa pela "saída para essas bandas". Neste prisma, Pe-

dro Ferraz considera positivo "haver mais iniciativas para promover bandas de garagem".

Ainda sem nome para a banda de que fazem parte, e que tanto vai beber aos Stones, como aos Mc5 ou aos Dead Kennedy's, Ricardo e Pedro admitem que no horizonte está "a gravação de uma maquete e a sua divulgação". Depois é conciliar isto com os nossos trabalhos. Porque o que custa é começar, depois é sempre a andar".

Os teimosos "do caraças"

Os Capitães, com uma sonoridade rock-pop-soul, são constituídos por João Navarro, Flávio Tavares, Jota, Ramiro Evanhangha e Nené. O grupo nasceu em 2000 e começou a tocar ao vivo em 2002. Nesse mesmo ano gravaram o primeiro trabalho (Contratempo) pela Cerberus Records. Ao título do álbum não são alheios os obstáculos que a banda teve de contornar: "É preciso ser teimoso como o caraças", diz João Navarro. "Não há editoras, nem público para tantas bandas", explica.

Os Capitães têm agendada uma digressão nacional, mas o próximo trabalho já começa a dar os primeiros passos: "O grupo tem quatro temas para o novo disco, que inclusivamente está a tocar ao vivo". O próximo álbum será um "trabalho mais audaz porque há uma maturidade que, mesmo sem querer, vai conduzir a banda para um determinado caminho. Mas há-de ter sempre o blues e o cheirinho a Jorge Palma".

O mundo dos Subway Riders

"Somos a banda mais antiga de Coimbra". Esta é a única definição que se ajusta aos Subway Riders, projecto de Carlos Dias, Victor Torpedo, ex-Tédio Boys e actual Parkinsons (guitarra), e Paulo Furtado (bateria). A banda nunca editou nenhum disco, embora tenha gravado uma maquete em 1999.

Nos Subway Riders, Victor Torpedo "faz os floreados todos". Carlos Dias explica a razão: "Eu não sei tocar nada, mas tento tocar tudo". Com um som difícil catalogável, os Subway Riders encontram-se parados devido à distância entre os vários elementos. Carlos Dias divide as suas semanas entre Lisboa e Coimbra, e Victor Torpedo está em Londres. Mas a banda não está extinta. Para Carlos Dias, "o grupo só acaba quando eu morrer".

Entre os episódios marcantes encontra-se aquele em que estavam agendados para serem a banda de abertura num festival punk. Após a audição do check-sound, os organizadores passaram-nos imediatamente a cabeças de cartaz. As outras bandas da noite, os Crise Total e Tara Perdida é que não acharam muita piada.

14 CIÊNCIA

Que fronteiras para a ciência?

O eterno território de mudança visto pelos seus intervenientes

Num livro recentemente editado, vozes diversas da comunidade científica reflectem sobre os caminhos da ciência

Inês Saraiva

Sob o título "As Fronteiras da Ciência - Desenvolvimentos Recentes - Desafios Futuros", foi apresentado este mês o livro que reúne a compilação da conferência comemorativa dos 25 anos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), decorrida em Junho de 1998. A coordenação esteve a cargo de Rui Fausto, Carlos Fiolhais e João Filipe Queiró, professores de Química, Física e Matemática da FCTUC, respectivamente.

Há cinco anos atrás, estiveram em Coimbra, durante três dias, vários nomes sonantes da comunidade científica internacional, como os Prémio Nobel Harry Kroto (Química) e Murray Gell-Mann (Física). O motivo foi o colóquio "Fronteiras da Ciência", um evento que serviu para pensar o passado e o presente do conhecimento científico, numa tentativa de debater os limites da ciência. O encontro de todos estes intervenientes resultou num livro que, para Carlos Fiolhais, é "uma forma de fazer a conferência chegar mais longe".

As fronteiras da ciência são aqui muitas e diferentes da tradicional divisão entre desconhecido e conhecido. O diálogo entre cientistas e comentadores resulta numa visão ampla, que alcança fronteiras como a que separa ciência e sociedade, abordadas por Mário Soares e Vital Moreira. Depois da ética, ilustrada com



"Ciência não são tábuas em cima do monte, é preciso subir o monte e escrever as tábuas", defende Carlos Fiolhais

os exemplos da biotecnologia e do ambiente, outro dos temas em análise é a necessidade de uma melhor compreensão pública da ciência. Carlos Fiolhais afirma que "no dia em que a sociedade não perceber qual é o lugar e o papel dos cientistas, eles deixarão de existir". Daí outra fronteira, entre ciência e não ciência: "O astrónomo é cientista porque, ao enganar-se nas contas, pode reconhecer o erro, já o astrólogo não é cientista porque nunca se engana (aliás, raramente faz contas)", acrescenta.

Acima de tudo, nenhuma das fronteiras é fixa. Para Carlos Fiolhais, é

precisamente esta a grande atracção da ciência, a sua marca de surpresa: "Hoje devemos estar preparados para as inovações que nos batem à porta, abrindo as portas a umas e fechando a outras - a ciência diz-nos que o que está do outro lado da porta nem sempre é o que julgávamos". O cientista, e também professor, deseja ver resolvido outro problema actual: a falta de vocações científicas e a imagem dos cientistas, que "começa logo no ensino básico e secundário, onde os alunos recusam a ciência porque lhes é vendida uma imagem caricatural de um 'cientista Professor Pardal'". Também na universidade, as mentalidades

podem mudar, "se os professores envolverem os alunos na construção de ciência, abrindo-lhes os laboratórios logo no início do curso."

Desde fractais até ao cosmos, à medicina, à arte, à literatura, ou à sociedade de informação, vários temas fazem deste livro uma enorme manta de retalhos, que oferece alguma coisa a todos, mesmo aos menos esclarecidos em matérias de ciência. Carlos Fiolhais recomenda, em tom de brincadeira, que o leitor saltite pelos temas que mais gostar, nunca tentando ler o livro do início ao fim, "a não ser em situações extremas, como se estiver à espera de um comboio".

Tiago Pimentel

O fuel-óleo do Prestige, barco petroleiro que se afundou a 13 de Novembro do ano passado, continua a dar à costa e mais de 30 mil toneladas estão por resgatar. Foram mais de 150 quilómetros de costa afectados, cerca de 800 praias poluídas, fauna e flora marinha atingidas. As críticas visam as autoridades espanholas, consideradas incompetentes a lidar com o caso.

A dignidade popular na limpeza das praias galegas e resgate de animais permitiu preservar algum património natural e marcar posição manifesta contra o Governo. A ausência de um plano de recuperação mostra o desinteresse governamental na protecção ambiental marinha.

O Greenpeace estima que só em 2015 se complete a recuperação biológica. Os poluentes no ecossistema comportam riscos de entrada na maior parte dos organismos através da cadeia alimentar.

Entretanto, a Quercus diz que "Portugal continua sem meios para reagir a desastres deste tipo". Porém o ministro da Defesa, Paulo Portas, já disse que o país está preparado para enfrentar calamidades ecológicas.

A legislação continua permissiva. A proibição da circulação de navios de casco simples nos mares europeus está em vigor apenas para os que transportam petróleo de alta densidade (cinco por cento do transportado para a Europa). Navios como o Prestige sulcam as águas europeias, impedidos apenas de atracar.

Sonda chega a Marte a 25 de Dezembro

A sonda orbital da missão "Mars Express" deve chegar a Marte no dia 25 de Dezembro de 2003. A Agência Espacial Europeia (ESA) prevê ainda que no dia de Natal o pequeno robô de exploração Beagle 2 entre na atmosfera marciana e se fixe no solo. O Beagle 2 vai ser libertado pela sonda a 19 de Dezembro.

A missão do robô é analisar amostras de solo e rocha. Com as análises procuram-se indícios de vida no planeta, como a presença de carbono 12 - associado ao desenvolvimento biológico na Terra.

Já a sonda orbital deverá analisar a atmosfera e fazer mapas de relevo do planeta durante os dois anos que ficará em órbita.

De resto, esta missão tem como objectivo primordial comprovar a existência de água congelada a um metro abaixo da superfície, detectada em Maio de 2002 pela sonda americana "Marte Odisseia 2001".

O lançamento ocorreu no dia 2 de Junho deste ano, na base russa em Baikonur, no Cazaquistão, e marcou o início da primeira missão europeia a Marte. Neste momento, a "Mars Express" encontra-se a menos de 20 milhões de quilómetros de Marte.

Ciência e Tecnologia mais próximas

Tem início sexta-feira a Semana da Ciência e da Tecnologia 2003. A iniciativa acompanha as comemorações do Dia Nacional da Cultura Científica, que têm lugar segunda-feira

Lurdes Lagarto

De sábado a 28 deste mês, universidades, escolas, associações, museus e instituições científicas abrem as portas de modo a estabelecer um contacto mais directo com o público em geral. Vão ser sete dias de oficinas, workshops, visitas a laboratórios, documentários, filmes, colóquios, entre outros eventos, dedicados à Ciência e

Tecnologia, a decorrer em todo o país. Entre os dias 24 e 28 vão decorrer em Coimbra "Passeios Científicos", no Jardim Botânico, e visitas guiadas ao Museu Botânico da faculdade de Ciências e Tecnologia. Estas visitas pretendem aproximar o público ao "mundo das plantas", mas também, no caso do museu, evidenciar a diversidade, organização e evolução dos seres vivos antes e depois do surgimento do reino vegetal.

Simular e demonstrar algumas experiências ligadas à Instrumentação Atómica e Nuclear é o objectivo do evento apresentado na segunda-feira, pelo grupo do departamento de Física da UC ligado a esta área. As mostras, com uma duração de 20 minutos, decorrem no Centro de Instrumentação da universidade, com um número máximo de seis pessoas a assistir em simultâneo.

Ainda na segunda-feira, o Centro de

Física Computacional da UC leva dois estagiários às escolas Secundária Infantil Dona Maria e Secundária José Falcão. O tema da visita é a construção de páginas web para a divulgação e ensino das ciências.

A Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC) apresenta três acontecimentos durante esta semana, todos a decorrer nas instalações da escola nos dias 25 e 26. Assim, durante os dois dias, vai ser possível visitar o Laboratório Multimédia, e ter contacto com as áreas de web design, animação 3D, rádio e televisão online, audiovisual e música. Os dois outros eventos referem-se a uma oficina sobre Tecnologias da Informação e a um workshop relacionado a jogos em rede. Este último decorre apenas no dia 26.

Para além da cidade de Coimbra, outras zonas do distrito vão receber eventos ligados à Semana da Ciência e da Tecnologia. De entre elas destaca-

-se a iniciativa do Observatório Astronómico de Mira, que vai abrir as portas entre os dias 22 e 28 numa tentativa de cativar o público para o ensino/aprendizagem da ciência. O observatório vai também expor o seu planetário virtual na Casa do Povo de Mira, onde vão estar presentes astrónomos prontos a responder às questões do público.

Dos eventos a nível nacional, destaca-se um Café de Ciência, a ter lugar no Pavilhão do Conhecimento entre as 19h e as 21h de segunda-feira. Este é um conceito pouco explorado em Portugal, mas já divulgado noutros países. Trata-se de um café vulgar decorado com peças alusivas a temas científicos, que levam as pessoas a uma maior aproximação a este campo do conhecimento, num local que lhes é familiar. No Café de Ciência investigadores vão tentar responder à questão "Para que serve a ciência?"

Vitória com um “espinho”

Académica vence em casa e promete relançar-se na disputa por um dos oito primeiros lugares

No regresso a casa, Académica vence de forma convincente o Sporting de Espinho

Dinarte Melim Velosa
Bruno Vicente

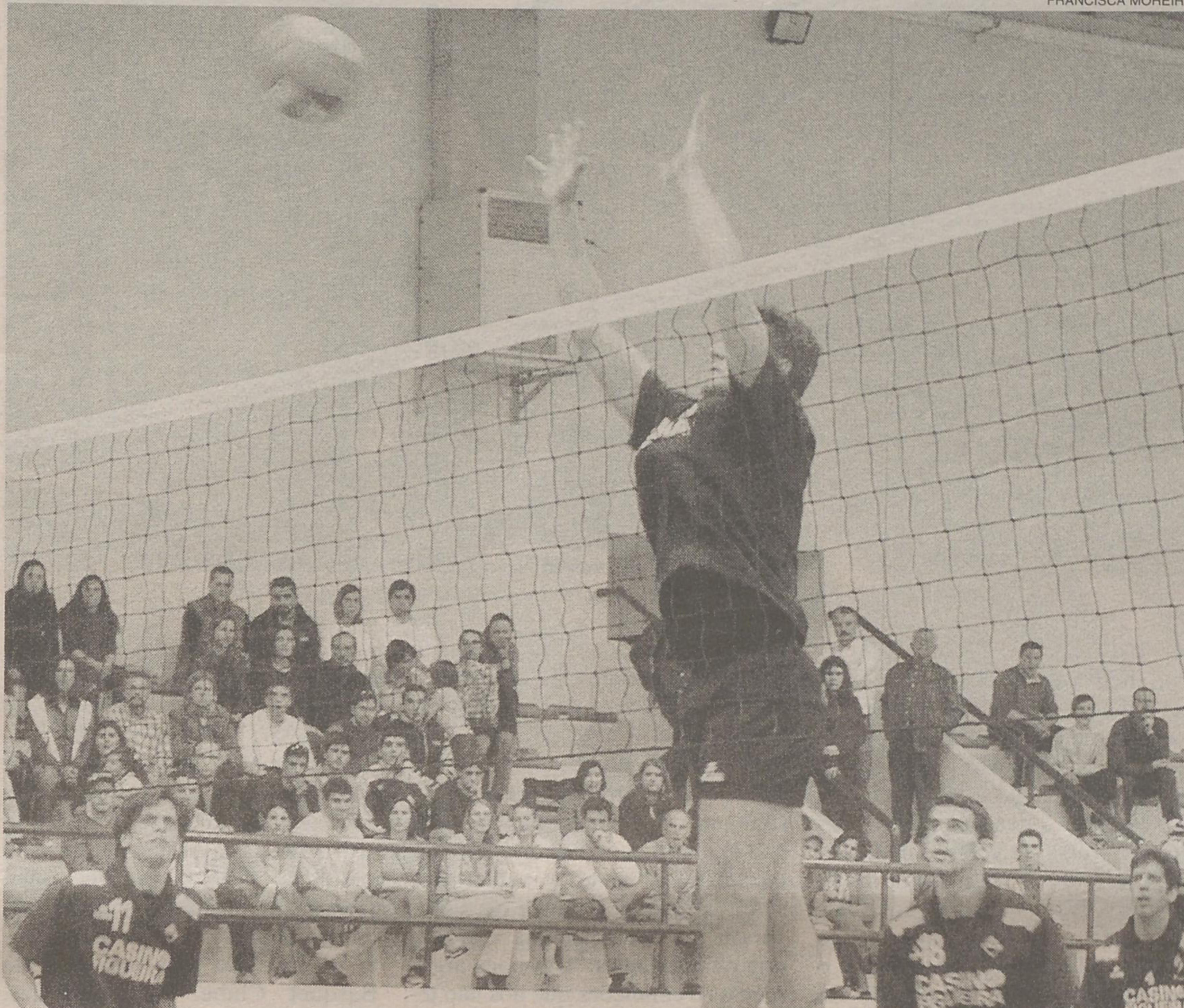
Num jogo em atraso da jornada oito da divisão A1 em voleibol, a Académica recebeu e venceu, na passada quinta-feira, o Sporting de Espinho por 3-1. Após ter marcado presença na Taça CEV, disputada em Wuppertal na Alemanha onde somou uma vitória e duas derrotas, o regresso à competição nacional não podia ter sido melhor.

Nunca pavilhão repleto e entusiástico, a equipa da casa teve um início de jogo consistente e eficaz e cedo demonstrou que queria discutir a vitória, adquirindo uma vantagem que chegou aos nove pontos (23-14), acabando por arrebatar o set em 25-17.

No segundo “set” o equilíbrio foi a nota dominante devido ao quase intransponível bloco dos “tigres”. Não obstante, o Espinho revelou fragilidades na receção e no serviço. Um terceiro factor de desequilíbrio a favor da Académica foi Valdir Sequeira que assumiu um papel fulcral ao conduzir a sua equipa à vitória no set por um parcial de 25-22.

A perder por 2-0, o Espinho arriscou mais nas acções ofensivas e acabou por vencer o terceiro set por idêntico parcial, destacando-se Sandro Correia ao somar 22 pontos. Para tal, muito contribuiu o fraco serviço da turma da casa e a eficácia do bloco espinhense, nomeadamente de Fabrício Silva.

No quarto e último set temeu-se a reviravolta do Espinho, que, com um banco de suplentes à altura dos titulares, possuía mais opções credíveis pa-



Coesão da equipa e apoio do público foram essenciais para a vitória da Académica frente ao Sporting de Espinho

ra resolver a contenda. Porém, a Académica dissipou quaisquer dúvidas em relação ao vencedor. Alicerçada numa sólida defesa baixa e nas exibições de André Lopes (autor do “match-point”) e Daivison Silva (ambos somaram 15 pontos) os estudantes arrumaram o jogo ao vencerem por 25-22.

Pormenor curioso foi o facto de o árbitro Vaz de Castro ter exhibido cinco cartões amarelos e inclusivamente um ver-

melho ao seu irmão Rui Castro (treinador da Académica).

No final do encontro, o técnico da Briosa criticou severamente a arbitragem, referindo que já interpelou a Comissão de Arbitragem para não nomear o seu irmão nos jogos em que a Académica esteja envolvida, com o fim de não ser prejudicada. No fundo, Rui Castro salienta que se tratam de “quezilhas familiares”. Relativamente

ao jogo, o treinador considerou que “a partir de agora será muito difícil vencer a Académica, pois a Taça CEV foi uma espécie de estágio que serviu para unir a equipa”. Os objectivos traçados para esta época passam por ficar entre os oito primeiros e, se possível, repetir a proeza da época transacta (quinto lugar). No entanto, o técnico não esconde o desejo de realizar uma época ainda melhor do que a anterior.

À segunda é de vez

A equipa de hóquei em patins da Associação Académica de Coimbra venceu, no sábado, a equipa do Vila Boa do Bispo e aproximou-se do topo do campeonato

João Cortesão

Apesar de chegar a Coimbra no topo do campeonato e sem nenhuma derrota, a equipa do Vila Boa do Bispo não mostrou qualidades e acabou por ser derrotada de forma expressiva pela equipa dos estudantes.

Na primeira parte, a equipa visitante jogou de um modo muito físico, não dando espaço aos estudantes. A três minutos do final a Académica

chega ao golo, resultado que se manteve até ao intervalo. A perder por um golo, a equipa do Vila Boa do Bispo é obrigada a partir para a frente, abrindo espaços que permitiram aos jogadores da Briosa trocar a bola e voltar a marcar na baliza à guarda de Pedro Pinto. Na Académica, o jogador Pedro Ferreira desempenhou um papel muito importante nas movimentações da equipa.

Numa segunda parte marcada por uma boa performance, a Briosa colocou no ringue a irreverência própria de uma equipa muito jovem, proporcionando grandes momentos aos adeptos presentes no Estádio Universitário.

No entanto, já no final da segunda parte, a equipa visitante consegue chegar ao golo. Cerca de um minuto depois a Briosa reage e restabelece a vantagem em quatro golos, numa grande jogada de contra-ataque. O

resto da partida esgotou-se entre as jogadas de ataque do Vila Boa do Bispo e as respostas muito perigosas da Académica, com contra-ataques rápidos e constantes trocas de bola, onde vinha ao de cima a boa qualidade técnica dos jovens jogadores de Coimbra.

Apesar do resultado, o treinador Francisco Vilhena afirmou esperar mais da sua equipa em termos de exibição e consistência de jogo. Para o técnico da Briosa, “a equipa precisa de mais convicção em termos de garra e atitude de jogo de modo a que possam exteriorizar todo o seu potencial técnico. Os jogadores também se um bocado perante o adversário e outras vezes não o respeitam”. Francisco Vilhena refere também que existe alguma infantilidade e que é preciso amadurecer esta equipa para que ela possa aliar consistência e firmeza à enorme

qualidade técnica que possui.

Referindo desde logo que este seria um jogo complicado, o dirigente da Secção de Patinagem, Mário Nogueira, destacou o facto de o Vila Boa do Bispo ser “uma equipa muito experiente, com jogadores bem mais velhos que os nossos, que defendiam muito bem e muito fechados”. A partir do momento em que a Académica consegue o golo, “a equipa visitante encara o jogo de forma diferente, procurando o empate, facto que nos permitiu jogar melhor”.

Para o dirigente, esta vitória assume ainda mais importância por ter sido obtida contra uma equipa que ainda não tinha perdido nesta temporada, o que pode contribuir para elevar a moral dos estudantes. Com este resultado, a Académica sobe na tabela classificativa, somando agora seis pontos.

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

Pobres, provincianos ou patetas?

‘O que hoje é verdade, amanhã é mentira’, mesmo que assinado e reconhecido em notário

Será o futebol um desporto? Ainda o será? Ou será apenas o reflexo de um país, o país onde se encontra?

Por estes dias muito se escreveu sobre os convites que um presidente de um clube (não) fez a ministros, deputados ou “simples” presidentes de clubes. E vimos cada um que tinha recebido o tão difícil convite dizer: “Calma, eu fui convidado!” Mais difícil de ir a uma festa de debutantes, essa inauguração...

A tinta também correu quando se viu o seleccionador nacional, após a sacramental pergunta (?) ou provocação, estalar o verniz e responder torto. Que heresia cometeu! Que caso nacional abriu! Ofensa intolerável, disse-se. Que peça desculpas ou seja despedido com justa causa, professaram. Umas virgens castas, portanto...

Ou então vimos também um presidente dumha região autónoma do país garantir que os jogadores do clube de que ele é adepto tinham que comer a relva no próximo jogo. Se preciso fosse, ele próprio a replantaria no dia seguinte! E mais, “mata presidente e treinador” se o 5º lugar não for atingido. Mas estas palavras, de um titular de um cargo público, foram vistas como “normais”, passaram sem comentários ou reparos por quem quer que fosse. O homem pode ser “inconveniente”, mas que diabo! É português...

Mas houve mais. Um estádio municipal que afinal pertence a um clube (depois de obras feitas e subsídios aprovados). Pelos vistos os subsídios têm que ser devolvidos à procedência... Pela câmara? Pelo clube? Não, que ideia... Pelo Governo, pois foi ele quem se obrigou perante as entidades externas! E ainda dizem que em Portugal há falta de espírito empreendedor...

É neste país, neste desporto, às vezes fora da lei, às vezes “puro” e “casto” que cada “macaco” salta para “do seu galho”, que se dá importância aquilo que é “fait divers”, manobra “dilatária” e se esquece o principal. Que se acha normal que os contratos não sejam para cumprir mas um instrumento ao sabor das conveniências de quem tem o poder de os rasgar. Porque afinal de contas “o que hoje é verdade, amanhã é mentira”, mesmo que esteja assinado e reconhecido em notário.

“Mens sana in corpore sano”? Pois sim...

Oito jogos, oito vitórias

Após a oitava jornada, a equipa de basquetebol da Académica continua invicta na Proliga, ao vencer o Illiabum em casa por 90-81

Tiago Pimentel
Bruno Vicente

O pavilhão Eng. Jorge Anjinho viu a Académica amealhar a oitava vitória consecutiva na Proliga, o que garantiu a manutenção da liderança na prova, bem como o estatuto de invencibilidade. Antes do início da partida, a expectativa pairava no ar pois temia-se que o ciclo vitorioso fosse quebrado. Nos últimos desafios, a Académica defrontou equipas bem colocadas na tabela e, mesmo assim, alcançou a vitória. Mostrou-se igualmente eficaz frente ao Illiabum TEKA, um dos últimos classificados.

Com Gregory Morgan, Bruno Costa, Rui Rochete, Jacinto Silva e Hugo Loureiro no "cinco" inicial, os estudantes entraram melhor na partida conquistando, a abrir o jogo, um parcial de 6-0. A Académica revelou maior dinâmica, com o reforço americano e Hugo Loureiro (observado pelo treinador nacional) a pontuar regularmente, cumprindo assim as manobras ofensivas da sua equipa. Por outro lado, o Illiabum, com uma postura inicial algo nervosa, revelou fragilidade a defender. Justificava-se o 21-14, favorável à Briosa, após o primeiro tempo.

No segundo tempo, destaque para o número nove dos visitantes, João Crespo, que, ao concretizar nove pontos consecutivos, lançou a equipa de Ilhavo na discussão do resultado. Com um parcial de 11-0 (de 33-21 para 33-32) o Illiabum soube aproveitar a desconcentração dos visitados ao vencer o segundo período por 22-17, que se traduziu num equilíbrio pontual ao intervalo: 38-36 a favor dos estudantes.

Após o intervalo, a Académica mostrou vontade de assegurar, quanto antes, a vitória. Com um afundamento de Greg Morgan a abrir o terceiro tempo, surge uma Académica mais forte. A jogar melhor e exercendo maior pressão, os homens da casa forcaram o Illiabum a cometer mais faltas, o que não tinha acontecido até ao momento.



Decorridas oito jornadas da Proliga, a Académica continua a somar apenas vitórias

Por duas vezes conquistaram um parcial de 7-0, o que resultou numa vantagem favorável de 14 pontos (69-55) ao fechar do terceiro tempo.

Nos últimos dez minutos, a Académica, mais defensiva, procurou gerir o resultado. Já perto do final, Jacinto Silva cometeu a quinta falta, vendo o restante encontro do banco. O Illiabum viria a ganhar o período por 26-21, o que não foi suficiente para alterar a tendência do jogo.

No fim, a vitória caseira por 90-81 recompensou os espectadores que, de forma animada, marcaram a sua presença nas bancadas do pavilhão.

Na equipa da Académica, destaque individual para Gregory Morgan, que para além de se revelar o melhor marcador do encontro, com 34 pontos, foi ainda o jogador com mais ressaltos realizados, quer ofensivos quer defensivos (14 no total) registando um importante duplo-duplo, o que demonstra uma grande actividade do americano na luta das tabelas. Também Hugo Loureiro revelou ser uma pedra basilar da equipa, ao coordenar e unir o movimento defensivo ao ofensivo. Jogando e distribuindo jogo,

anotou 22 pontos e registou o maior número de assistências da partida. Já Rui Rochete foi o jogador com mais roubos de bola.

Apesar da derrota, o treinador do Illiabum, João Moutinho, declarou que jogaram para a vitória. Porém, mesmo trabalhando "o melhor possível, faltou algo". Sobre o seu adversário, o técnico de Ilhavo afirma que os estudantes "têm bons argumentos e condições que nós não temos".

Por sua vez, Norberto Alves, treinador da Académica, confessou

que desta vez a sua equipa não esteve tão bem como em outros jogos, apesar de reconhecer que nunca perderam o controlo do jogo. Em relação ao adversário, achou que "o Illiabum jogou bem para o seu potencial" mas que a origem das dificuldades dentro do campo "foram principalmente criadas pela própria equipa". No que diz respeito ao próximo jogo, em casa do Basquet Clube de Guimarães, adianta que não será um jogo fácil e promete um estudo exaustivo e pormenorizado do adversário.

A luta pela invencibilidade

Oito jogos, oito vitórias na Proliga. Dezasseis pontos. Trezentos e vinte minutos sem conhecer o sabor da derrota. Seiscentos e trinta e três pontos convertidos para quinhentos e sessenta e nove sofridos. Os dados estatísticos elucidam bem o bom momento de forma da turma conimbricense. Enquanto os mais pessimistas temem o jogo de Guimarães, existem outros que acreditam na manutenção das vitórias consecutivas. De acordo com as previsões mais positivas existe apenas a hipótese de a equipa não subir à liga TMN por falta de verbas.

Norberto Alves, questionado sobre o assunto, prefere não entrar em euforias, relembrando que o objectivo principal traçado para a época é a manutenção e a ida aos play-offs. Deste modo, encara os jogos com cautela, um a um, como sendo verdadeiras finais. Para o treinador da Académica "não há jogos simples", até porque a invencibilidade dos estudantes estimula os adversários que pretendem quebrar o ciclo vitorioso. "Todos nos querem ganhar", salienta o técnico.

De cortar à faca

Num jogo tenso, a Académica cedeu empate a três bolas sem período de descontos

Num jogo marcado pela grande presença de público, a Académica empatou frente à equipa do S. Mamede. O jogo decorreu no domínio, num campo em que a tensão marcou presença, dentro e fora de campo.

Sabia-se, à partida, que esta iria

ser uma deslocação difícil para os jovens jogadores da Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra. A equipa do S. Mamede é conhecida pelo seu futebol muito físico e por ter um público capaz de tudo para pressionar a equipa de arbitragem. Frente à Académica, estes factores foram determinantes e a equipa da casa acabou por conseguir empatar, no final do período de descontos.

A Académica foi a primeira a marcar, por Vítor Hugo. Depois de um cruzamento para a área, o avançado da Briosa aproveitou a

confusão que se instalou na área e conseguiu inaugurar o marcador. Pouco depois, o S. Mamede conseguiu o empate: depois de um lançamento lateral, um dos avançados da equipa desvia para o fundo da baliza. Com apenas dois toques na bola surge o empate, ao qual se segue outro golo de bola parada, que fixa o resultado em 2-1. Até ao intervalo não existiram mais alterações, a não ser na disposição do público, que aliviou um pouco a pressão exercida sobre o árbitro da partida.

Depois do intervalo, o jovem

Pissarra, ainda em recuperação de uma lesão que sofreu ao serviço da selecção de Coimbra, conseguiu ganhar a bola no meio terreno adversário e apontou o golo do empate. Com este resultado, a Académica começa a subir de rendimento e chega à vantagem, apesar de estar a jogar apenas com dez jogadores devido à expulsão de Pedro Mendes por acumulação de amarelos.

Apesar da expulsão de um atleta local, que agrediu com bola o jogador Rui Neves, o S. Mamede ainda chegou ao empate, já em período de descontos.

Andebol da Académica lidera tabela

A Académica recebeu no sábado o Planalto, segundo classificado no Campeonato Nacional da 3ª Divisão de seniores masculinos. A equipa da casa entrou determinada na partida e os adeptos que acorreram ao Pavilhão 3 do Estádio Universitário acabaram por ser brindados com uma expressiva vitória para os estudantes por 30-22. Com este resultado, a Académica manteve a liderança do campeonato.

O marcador manteve-se equilibrado durante grande parte do jogo, embora sempre favorável à Académica. Só nos minutos finais a formação da casa conseguiu alcançar os oito golos de diferença que selaram a vitória.

No próximo jogo, agendado para dia 22, os estudantes defrontam o Portomense, que actualmente ocupa a terceira posição no campeonato. As três equipas nos lugares cimeiros na tabela estão separadas apenas por um ponto, pelo que o treinador da Académica, Horácio Poiares, considera importante o desafio de sábado. O técnico não deixa, contudo, de realçar que "não há vencedores à partida" e que "a Académica joga para ganhar".

Apesar das boas prestações desta época, Horácio Poiares considera ser ainda prematuro falar de uma subida de divisão. Mas garante que a manutenção (posta em causa no ano passado) "está facilitada". Até porque, lembra o treinador, vai ser feita uma reorganização da estrutura da competição, com novas divisões por zonas.

Relativamente ao futuro, Horácio Poiares mostra-se confiante, afirmando que o andebol da Académica possui um conjunto de jogadores jovens, que se pode revelar "forte para os próximos dois ou três anos".

Académica B perde frente a José Viterbo

Com as formações a utilizarem um esquema táctico muito semelhante, a equipa do antigo técnico da Académica B acabou por levar a melhor sobre a equipa visitante.

Foram os estudantes que inauguraram o marcador, com um golo do atacante Rui Miguel logo nos primeiros dez minutos. Depois de um período inicial em que a Académica B criou lances de perigo, o Fátima acabou por conseguir controlar o jogo. O golo do empate surgiu aos 30 minutos, por intermédio de Hugo Carvalho, na cobrança de um livre directo à entrada da área.

As alterações que José Viterbo introduziu na segunda parte acabaram por ditar o resultado, uma vez que, poucos segundos depois de ter entrado em campo, João Pedro coloca em vantagem a equipa da casa. O jogador voltaria ainda a marcar no último minuto de compensação. Ainda antes do apito do árbitro, os estudantes aproveitaram um deslize do guarda-redes Tony para reduzir a desvantagem.

Novas estórias da Brigada Victor Jara

Depois de "Por Sendas, Montes e Vales" o grupo apresenta o mais recente trabalho

"Ceia Louca" é o nome do novo álbum da Brigada Victor Jara, que promete trazer para o ambiente urbano sons da vida rural do país. A saborear já na próxima terça-feira

Carina Fonseca
Marta Poiares
Ana Maria Oliveira

É já no próximo dia 25 que a Brigada Victor Jara se apresenta no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), para dar a conhecer o último projecto do grupo, intitulado "Ceia Louca".

Manuel Rocha (violino e bandolim) explica a origem deste título: "É uma ceia, um jantar - servimos pratos musicais e vamos ver o que é que dá". De facto, existe uma analogia com a refeição, "em que toda a gente partilha alguma coisa". Para além disso, "Ceia Louca" é, também, o nome de um quadro do pintor Tóssan. A obra encontra-se na República Palácio da Loucura, local ligado a certos elementos da Brigada. Neste sentido, importa salientar que o grupo, criado em 1975, não tem tido um percurso regular, "com muita gente a entrar e muita gente a sair", conta Manuel Rocha. Trata-se de uma banda oriunda dos ambientes estudantis de Coimbra, que não reúne um elenco fixo, nem nunca foi identificada com uma figura específica.

O novo disco, embora não estabeleça uma ruptura relativamente aos trabalhos anteriores, demarca-se dos mesmos pelo facto de ser "mais apurado que os outros do ponto de vista civilizacional". Manuel Rocha classifica o projecto como sendo um "passo de amadurecimento musical". Reconhece, ainda, que à Brigada



Brigada Victor Jara apresenta novo álbum - "Ceia Louca" - na próxima terça-feira

da compete trabalhar os sons recolhidos nos ambientes de produção musical originais. E explica que, por vezes, se apela à memória das pessoas, no sentido de recuperar determinadas vivências, não adulterando a "verdade própria" que está inerente à música tradicional portuguesa.

"Este disco faz um acto de justiça", dado que, pela primeira vez, o grupo importa música da ilha da Madeira. E continua, afirmando que o grupo "sempre pretendeu fazer da ruralidade (que é a gênese do nosso país) a sua bandeira", contrariando a ideia pré-concebida de que a música do povo "é foleira".

Quanto à aceitação do álbum por parte do público, Manuel Rocha

considera que "tem sido boa". Mas admite que "a Brigada não é um grupo que suscite o entusiasmo incondicional das multidões: nem os 'teenagers' gritam por nós, nem os velhotes levantam as bengalas". No entanto, a geração mais nova "olha para esta música com interesse e não a rejeita".

Alcançar públicos mais vastos "é sempre um ideal de qualquer expressão artística, mas não é o objectivo da criação", revela o músico. No estrangeiro, a Brigada actua, essencialmente, em festivais de música "folk", sendo que as comunidades de emigrantes estão algo condicionadas por certo tipo de oferta. Manuel Rocha acha que "lá

fora há reciprocidade, falta é um mecanismo de colocação da música".

O espectáculo no TAGV terá algumas particularidades, nomeadamente a participação de convidados ilustres. Destacam-se, pois, as presenças de Janita Salomé, António Pinto (guitarra), Cristina Branco (voz), um Quinteto de Metais dirigido por Tomás Pimentel e a participação de Jorge Reis. De referir, ainda, o contributo de dois elementos do grupo Realejo: Amadeu Magalhães (gaita de foles) e Catarina Moura (voz). Segundo Manuel Rocha, "o espectáculo vai acabar por abranger toda a produção da Brigada, desde o início até aos dias de hoje".

Percurso da Brigada

A Brigada Victor Jara formou-se em 1975, quando uma série de jovens de Coimbra, ao deparam com a riqueza dos sons populares da região da Beira Baixa, optou por trabalhar a música tradicional portuguesa. Assim surgiu a banda, que adoptou o nome do poeta/cantor chileno assassinado durante a ditadura de Pinochet.

O primeiro LP, "Eito Fora", foi gravado em 1977, tendo-lhe sucedido "Tamborileiro", em 1979. Seguem-se os LP's "Quem sai aos seus" (1981), "Marcha dos Foliões" (1982), "Contraluz" (1984), e "Monte Formoso" (1989).

Em 1994, a Brigada gravou um tema a incluir no duplo CD "Filhos da Madrugada", em homenagem a Zeca Afonso. No mesmo ano, lançou, juntamente com "Trigo Limpo" e "Quinteto Violado", a "Ópera do Bandoleiro", e reeditou o disco "Contraluz". Cinco anos depois, é lançado, em conjunto com Sérgio Godinho, João Afonso, Amélia Muge e Gaiteiros de Lisboa, o CD "Novas Vos Trago". Em 2000 - data da comemoração dos 25 anos do grupo - é editado o duplo "Por Sendas, Montes e Vales". Finalmente, em 2003, o grupo dá inicio às gravações de "Ceia Louca", cujo CD single foi apresentado na Festa do Avante.

Actualmente, a Brigada Victor Jara é constituída por Arnaldo de Carvalho (percussões e coros), Aurélio Malva (viola, bandolim, gaita de foles e voz solo), Catarina Moura (voz solo), José Tovim (viola baixo e coros), Joaquim Manuel (bateria e percussões), Luís Garção (viola, viola beiroa, viola toreira e cavaquinho), Manuel Rocha (violino e bandolim), Ricardo Dias (piano, sintetizador, flauta e gaita de foles) e Rui Curto (acordeão e concertina).

Aposta conjunta num "Projecto Singular"

Coimbra conhece, no próximo dia 26, a ante-estreia do "Projecto Singular" - um espectáculo de dança contemporânea, apresentado pelas companhias Plural e Amalgama

Nádia Albasini
Sara Peres
Patrícia Ramos

Inserido no programa da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, o "Projecto Singular" apresenta-se pela primeira vez ao público

no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), no dia 26, às 21h30. O espectáculo conta com a direcção artística de Rafael Alvarez, por parte da Plural (companhia que integra deficientes motores), e de Sandra Battaglia e Pedro Paz, representantes da Amalgama.

Direcionado a todo o público e com uma coreografia que procura encontrar uma linguagem no movimento da diversidade, "Projecto Singular" é um trabalho de criação e apresentação conjunta. Para Rafael Alvarez, membro da Plural e director artístico do espectáculo, "o resultado desta interacção resulta numa integração conjunta de diferentes linguagens da dança. Há toda uma fusão de linguagens", explica.

No palco, os actores interagem com outros elementos cénicos, desde a luz à projecção de

vídeo que integra o espectáculo. Por tudo isto, "a ideia principal que se transmite passa pela pluridisciplinariedade", esclarece Rafael Alvarez. O director artístico espera "que o público consiga ler esta ideia de criação colectiva e de interacção de diferentes dispositivos cénicos".

Inserido na Liga Portuguesa dos Deficientes Motores - Centro de Recursos Sociais, o Núcleo de Dança Contemporânea - Plural surgiu em 1995, com o objectivo de promover à pessoa com deficiência a possibilidade de se expressar artisticamente ao nível da dança.

Tendo já percorrido um significativo e singular caminho nestas áreas, iniciado em colaboração com a Escola Superior de Dança, este núcleo tem desenvolvido várias parcerias. Para Rafael Alvarez "o objectivo da companhia sempre foi integrar diversos gru-

pos nas áreas artísticas". E prossegue: "Sempre tivemos vontade e necessidade de procurar artistas e criadores exteriores à instituição e fora do âmbito da reabilitação".

Neste contexto, "são desenvolvidas diversas acções no campo das artes plásticas e performativas, que põem em evidência questões estéticas e culturais que envolvem o corpo e o sujeito na contemporaneidade", explica Rafael Alvarez.

Depois da ante-estreia em Coimbra, o espectáculo segue para Lisboa, onde, no dia 7 de Dezembro, haverá nova representação, no Grande Auditório da Culturgest. O espectáculo é subsidiado pelo Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência e conta com o apoio da Caixa Geral de Depósitos, Ministério da Cultura e Coimbra 2003.

Carlos Barretto em motivos “loukos”

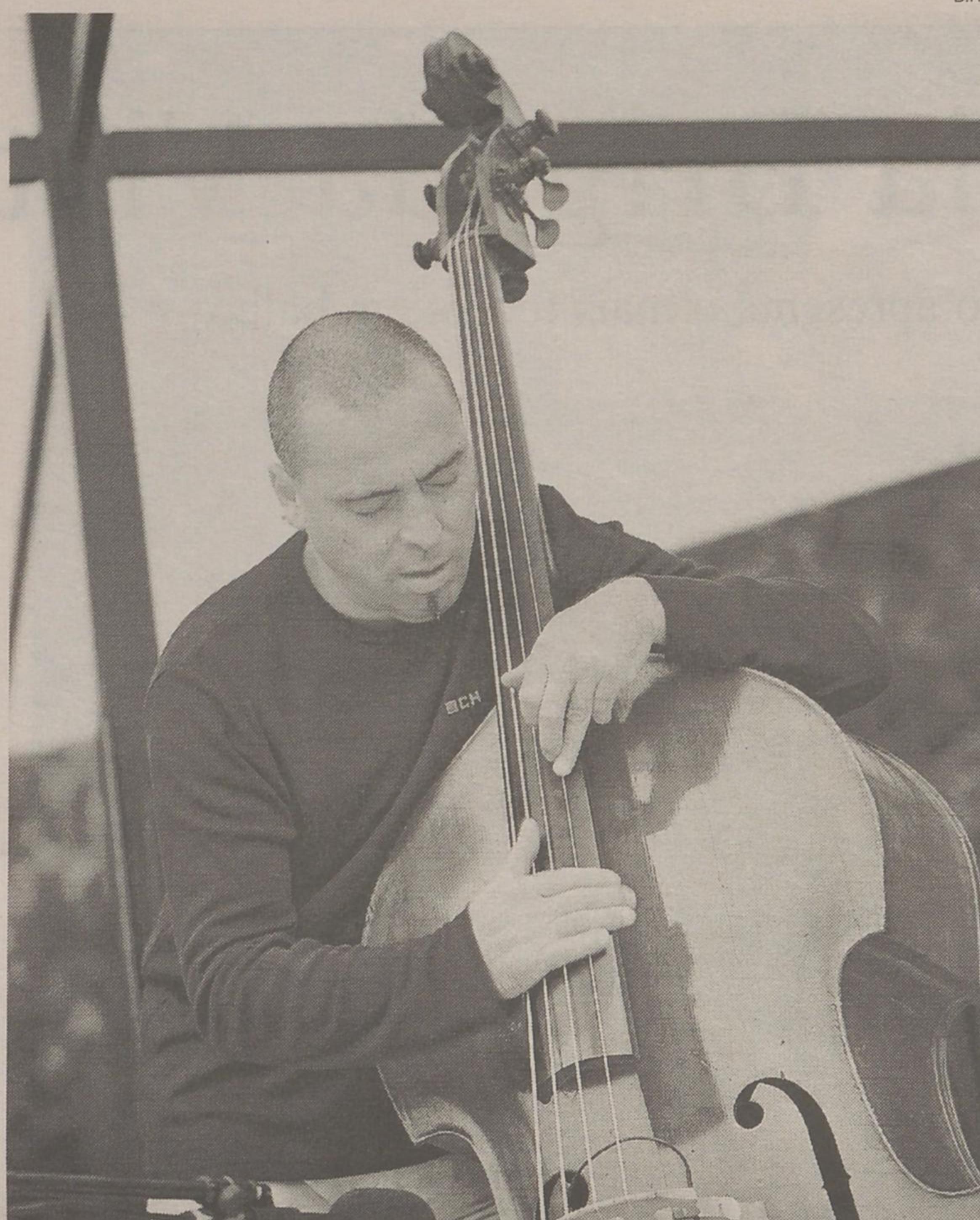
O jazz português está de volta a Coimbra. Desta vez, Carlos Barretto e o seu Trio trazem ao TAGV o projecto “Lokomotiv”

Isidro Fagundes
Bruno Fernandes

“Lokomotiv” é o nome do espectáculo de jazz que se realiza no próximo dia 27 de Novembro e que pretende divulgar as oito músicas que compõem o novo trabalho de Carlos Barretto, José Salgueiro e Mário Delgado. Segundo Carlos Barretto, contrabaixista e líder da banda, o principal objectivo do concerto é partilhar a energia com o público: “É sempre uma energia diferente cada vez que tocamos. É por isso que este tipo de música deve ser ouvida ao vivo”.

Lançado em Outubro, “Lokomotiv” foi bem recebido pela crítica e segue a mesma linha do álbum anterior, “Radio Song”, editado em 2002. No entanto, apresenta algumas inovações, porque “se arriscou mais e se foi mais além na espontaneidade e no improviso, no sentido de se quebrarem regras harmónicas e de se ter mais diálogo colectivo”. A improvisação é, de facto, uma marca característica do grupo e é “o que mais gostamos de fazer”, explica o contrabaixista.

Na gravação do álbum, a banda contou com a participação do músico François Corneloup, no saxofone barítono, “para aumentar a paleta sonora e ter mais escolha de sonorida-



“Lokomotiv” é o nome do novo disco de Carlos Barreto

des”. Para Carlos Barretto, a ideia é convidar diversos músicos, consoante as situações. Sendo assim, o concerto a ser apresentado em Coimbra terá como convidado especial Sérgio Carolino, na tuba, “o que dará um ar diferente ao espectáculo”.

Carlos Barretto diz ainda que, na composição do projecto, foram usa-

dos vários ritmos, como o swing, o rock, algumas sonoridades orientais e “qualquer coisa que servisse de base para a improvisação”. Daí que “Lokomotiv” traga “uns motivos ritmicos loucos” para o palco do Teatro Académico de Gil Vicente.

Quanto ao apoio dado ao jazz feito em Portugal, o músico diz que é

“péssimo porque, em tempos de crise, toda a gente está sem dinheiro, principalmente as câmaras municipais”, que não investem tanto nos habituais concertos e festivais locais. Para o artista, os primeiros orçamentos cortados são os destinados à dança contemporânea e ao jazz.

Um eterno estudante

Carlos Barretto entrou na música aos seis anos, quando tocou os primeiros acordes de guitarra clássica. Passou pelo Conservatório Nacional de Música de Lisboa, onde frequentou aulas de piano e solfejo, dedicando-se ao estudo do contrabaixo a partir de 1973. Depois de frequentar a primeira escola de jazz do país, o Hot Clube de Portugal, formou-se no conservatório e integrou a Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa.

Em 1984, fixou-se em Paris, como solução à “frustração criativa” que sentia, dedicando-se à música improvisada e apresentando-se em diversos países. Regressou a Portugal em 1993, com novos projectos musicais e o primeiro álbum, “Impressões”, lançado no ano seguinte. O trio com Mário Delgado e José Salgueiro nasceu em 1997, com o intuito de experimentar novas tendências musicais. “Suite da Terra” foi o primeiro trabalho, seguido de “Silêncios”, “Radio Song” e, agora, “Lokomotiv”.

Em paralelo, o contrabaixista tem realizado outros projectos, como o álbum “Solo Pictórico”. Para Carlos Barretto, a música é uma “paixão”, que exige devoção e trabalho. Dedicando cerca de oito horas por dia ao jazz, o músico assume-se como um “eterno estudante”.

“Coimbra Vista do Céu”

Cláudia Martins
Arlete Morais

No próximo dia 25 de Novembro, pelas 18h30, vai ter lugar no Hotel Astória o lançamento do livro “Coimbra Vista do Céu”, cuja ideia, coordenação, fotografia e selecção de imagens são da responsabilidade do arquitecto e fotógrafo Filipe Jorge.

O objectivo do livro prende-se essencialmente com o facto de se querer dar continuidade a um projecto iniciado pelo editora Argumentum, em anos anteriores e em locais diferentes, como afirma Filipe Jorge: “A ideia vem na sequência de trabalhos idênticos realizados para as cidades de Lisboa e Porto, e para os territórios dos Açores e de Macau”.

Coimbra junta-se, assim, a este projecto, com imagens de avenidas, jardins e edifícios por onde os coimbrICENSES passam diariamente sem se aperceberem da beleza que estes podem ter quando vistos do céu.

Para a realização deste trabalho foi necessário um levantamento fotográfico aéreo (conseguido através de um helicóptero), assim como uma pesquisa iconográfica de imagens aéreas antigas, de onde foram seleccionadas as fotografias que constituem o livro.

A triagem das imagens foi submetida a um critério que permitisse dar a conhecer ao público uma “narrativa visual”, com interesse histórico acerca da cidade. Segundo o arquitecto responsável pela Pro Urbe, José António Bandeirinha, convidado pela editora para escrever a narrativa que acompanha as fotografias, “o livro por si só é apelativo, tendo em conta que, originalmente, o texto é que ilustra as imagens”.

Ao folhear o volume, o leitor vai-se apercebendo até que ponto se conseguiu registar a evolução estrutural da cidade, tanto ao nível urbano e periférico, como no que diz respeito ao crescimento e ocupação dos espaços ao longo do tempo.

Filipe Jorge considera que, como contributo pessoal, “Coimbra Vista do Céu” lhe proporcionou “um conhecimento mais aprofundado da cidade e da sua evolução urbana”. Na mesma perspectiva, José António Bandeirinha confessa que este é um “projecto aliciante” para qualquer profissional da área da arquitetura.

Este não é um livro especificamente direcionado a estudantes de arquitectura ou apaixonados e profissionais da fotografia. O público é muito mais alargado pois, como refere o autor dos textos, “estes foram escritos para serem lidos por toda a gente”.

A exposição de fotografia aérea referente ao livro poderá ser vista no mesmo dia do seu lançamento, na livraria XM, pelas 22 horas.

Poesia contemporânea em (re)vista

Dia 29 de Novembro, Coimbra recebe um encontro de revistas de poesia, intitulado “Poezine”. O evento engloba uma exposição documental de revistas contemporâneas, um colóquio e uma mesa-redonda

Rita Delille
Rosa Ramos

“Poezine: Encontro de Revistas de Poesia” é uma iniciativa inédita pensada no âmbito de Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC). Realiza-se no Museu dos Transportes, no próximo dia 29, e pretende ser uma

mostra de algumas revistas de poesia em Portugal lançadas entre 1990 e 2003.

“Poezine” conta com a participação de nove revistas (“Relâmpago”, “Aquila”, “Hífen”, “Bumerangue”, “Oficina de Poesia”, “Plágio”, “Palavra em Mutação”, “DiVersos”, “Inimigo Rumor”) e ainda uma pequena secção com publicações internacionais de poesia visual.

O coordenador do encontro, Manuel Portela, explica que na selecção destas revistas pesou o facto de se

“procurar encontrar, dentro de um mercado muito vasto, uma amostra significativa de exemplares”. Houve uma tentativa de incluir na amostra revistas de vários tipos: “Temos revistas mais institucionais e outras mais regionais, com poesia mais alternativa”. Manuel Portela salienta ainda a preocupação da organização em “selecionar edições de várias proveniências geográficas”.

Poezine in loco

O encontro começa às 15h30 com Poezine in vitro, uma exposição montada com exemplares e outros materiais fornecidos pelas revistas convidadas. Às 16h realiza-se o Poezine in vox, que consiste num colóquio e numa mesa-redonda.

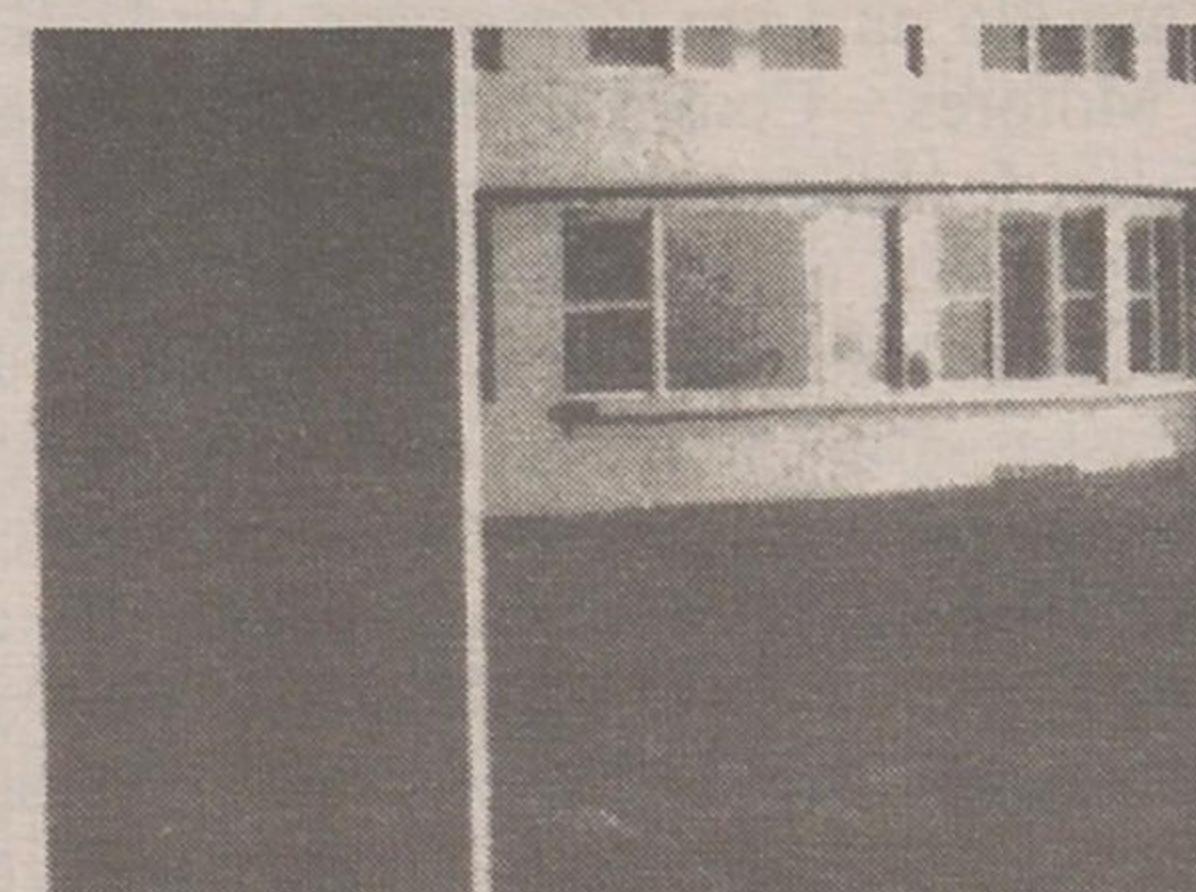
Manuel Portela e Paulo da Costa Domingos encabeçam o colóquio, debatendo-se sobre “Zines & Poezines” e “31 anos ao papel”, respectiva-

mente. Sobre a mesa-redonda, da qual fazem parte os editores das revistas participantes, vai estar em discussão o ponto de vista dos editores literários.

A encerrar o encontro está previsto, às 22h, um espetáculo intitulado Poezine in vivo, “direcionado para um público mais abrangente”, sublinha Manuel Portela, onde os três convidados exploram a poesia “num ângulo menos estético”. Fernando Aguiar, um autor de referência na área da poesia de acção, apresenta a performance “Sou Não”. Segue-se Tiago Gomez Rodrigues, um jovem realizador, com poesia animada por computador, num filme intitulado “Concretus”. A finalizar, Américo Rodrigues apresenta “Escatologia”, um espetáculo de poesia sonora e música improvisada, com Gregg Moore na tuba e trombone.

Durante o encontro vão estar disponíveis para venda exemplares dos últimos números das revistas.

20 de novembro
espaço XM
18h



construções na areia

edições
quasi

Fernando Nunes
António João Lima

PUBLICIDADE

Ciência e tempo nos olhos de Alá

D.R.

**Um microscópio
descoberto por um
monge é o mote para
uma história que retrata
a diferença entre
civilizações. É a nova
peça da Camaleão,
em estreia na próxima
semana**

Olga Telo Cordeiro
Helena Fagundes
Sandra Pereira

A companhia Camaleão, em co-produção com Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, leva à cena a peça "O Olho de Alá", de 27 de Novembro a 19 de Dezembro, no Convento de S. Francisco.

Em estreia nacional, esta peça inspirada no conto homônimo de Rudyard Kipling e adaptada por José Geraldo e José Carretas, debraçase sobre as problemáticas do conhecimento e do tempo.

A peça decorre durante um animado jantar onde é dado a conhecer, pela primeira vez em terras inglesas, o microscópio. Este facto suscita um longo debate que terá um desenlace fatal. Passada num mosteiro inglês em pleno século XIII, conta a história de um monge, pintor de ilu-

minuras, que regressa da sua viagem pelo sul da Península Ibérica com um misterioso objecto: o microscópio. Com ele consegue detectar em pequenas gotas de água "diabos" escondidos - os micrónios - que servem de inspiração para as pinturas que o monge desenhador fazia sobre o inferno. Este facto será considerado uma blasfêmia por parte do seu superior, que entende esta invenção demasiado inovadora para o seu tempo e potencialmente perigosa. Da controvérsia gerada por esse objecto nascerá uma reflexão que opõe o progresso ao conservadorismo, tornando este último a forma da censura e da Inquisição.

"O Olho de Alá" é uma encenação repleta de simbolismos onde convivem personagens com conflitos interiores, como o fraude Roger Bacon, que se debate com a luta entre a observação da realidade sem dogmas e a cegueira que deles pode resultar.

Embora se passe durante a Idade das Trevas, a peça leva a palco uma problemática que não é, de acordo com os responsáveis, descabida nos dias de hoje. Como reitera o encenador José Carretas, este é um espectáculo "que nos faz reflectir um pouco sobre a relação da ciência com o seu tempo, com a História, com a instituição, com os preconceitos. É sobre o medo de avançar, as ideias feitas e a superstição que,



"O Olho de Alá" é a nova peça da Camaleão, com estreia marcada para dia 27

de uma forma ou de outra, ainda hoje perdura".

Um outro aspecto que o encenador considera importante é a relevância do carácter simbólico do microscópio que representa a nossa maneira de olhar a realidade científica: "Além da questão óptica há também uma questão intelectual. Os nossos valores reflectem-se na nossa maneira de olhar".

O espectáculo foca também as heranças árabes profundamente enraizadas na cultura ocidental. O legado cultural muçulmano é fruto das trocas culturais que decorreram ao longo da ocupação da Península Ibérica.

Não sendo considerada pelo encenador uma peça de carácter exclusivamente pedagógico, o certo é que esta se reveste de particular interesse para jovens e adolescentes dos diversos graus de ensino, visto que toca as áreas da filosofia, da matemática, da medicina, da álgebra, da história e do português.

Este é um convite ao prazer e à reflexão, que entra em cena a partir do dia 27 deste mês todas as quartas, quintas, sextas e sábados às 21h30. Os preços dos ingressos de entrada variam entre os três e os oito euros.

"23 centímetros" de prazer

Jogos de poder num intenso clima de erotismo, fazem de "23 centímetros" um espectáculo polémico, povoado pelo sexo

Marco Pereira
Paula Velho

Estreada no dia 7, no âmbito do V Congresso Nacional de Sexologia, a peça intitulada "23 centímetros" decorrerá ainda nas próximas quartas e sextas até o dia 12 de Dezembro, no Teatro-Estúdio Bonifrates da Casa Municipal da Cultura. Apesar do espectáculo não ser aconselhado a menores de 16 anos, a peça não é mais que um retrato da precariedade das relações afectivas da sociedade actual, desenvolvida em termos sexuais.

Do texto original de Carlos Alberto e Roberto García, João Maria André traduz e encena o mundo de Óscar, um antigo carpinteiro cujo negócio faliu. Dada a ausência de perspectivas futuras, tornou-se, por sugestão da própria esposa, um gigolô profissional de sucesso. Neste sentido, o casal cria a empresa "Golden Man", que começou por colocar anúncios em jornais. Com o prosperar dos telefonemas, as novas tecnologias, nomeadamente a internet, foram a solução encontrada para fazer face a tantas solicitações.

Assim, se por um lado o comércio do prazer ia de vento em popa, por outro o matrimónio de Óscar começava a desgastar-se e corromper-se pelo tempo. Por um tempo não dispensado, por um tempo cada vez mais reclamado, invocado de uma necessi-

dade de uma vida a dois.

Óscar vivia e alimentava mundos paralelos, o da ilusão da compra e o da realidade que não tem preço, que aparecem em palco encobertos por dois véus. Véus que deixam transparecer um ambiente festivo circunstancial, efémero, redutor, simplista.

Segundo João Maria André nem tudo na peça é quantificável. Só o prazer se pode medir "em centímetros e em euros, em horas, minutos e segundos, em frequências orásmicas e em tempo de ereção".

As traições, os serviços sexuais proibidos conscientemente, mas desejados pelo inconsciente, acabam por tomar forma na clandestinidade das paredes de hotéis. O leito encarnado, situado ao centro da trama, é um elemento com uma grande carga simbólica.

No ninho de amor vendido, as personagens que ali tentavam compensar e satisfazer as suas frustrações, delírios e fantasias mais íntimas, apesar de aparentemente superficiais, acabavam por deixar o seu contributo, a sua marca. Com efeito, um desses serviços que se acumulava há alguns anos desencadeou o desejo de uma vida em conjunto, que não se concretizou, porque a estabilidade e as aparências falaram mais alto.

Mas nem só as mulheres pugnavam pela atenção do gigolô. Os seus encantos estenderam-se ao guarda-costas que, apesar de ser casado, se rendeu aos "23 centímetros de experiência".

Contudo, a cama acabou por funcionar como objecto conciliador, na medida em que permitiu ao casal rever a sua situação e, embalado pela música "just a gigolô", fez juras de amor eterno e promessas de abandonar o negócio. Mas, tudo depende do próximo telefonema.

PUBLICIDADE

UM PORTAL PARA QUEM É DOUTOR,
QUER SER DOUTOR, CONHECE UM DOUTOR,
OU AINDA TEM UMA VAGA ESPERANÇA
DE PASSAR À ÁLGEBRA LINEAR III.
WWW.CUP.CGD.PT
O portal dos universitários

 Caixa Geral
de Depósitos
Um Banco de verdade.

Chegou o portal de todos os universitários. Em [www.cup.cgd.pt](http://WWW.CUP.CGD.PT) encontra facilmente o que precisa para dar outra vida à sua vida académica: agenda pessoal, chats, programas de currículum, informação sobre cursos, comunidades académicas, bolsas de estudo e programas de intercâmbio, notícias e classificados, enfim, uma enorme quantidade de informação. O [www.cup.cgd.pt](http://WWW.CUP.CGD.PT) tem até uma secção de informações financeiras, e um serviço de internet banking da Caixa Geral de Depósitos. E é tão fácil de consultar, que nem precisa de ter a licenciatura.

ARTES

FEITAS

Navega-se...

Fotografia no Sudoeste Asiático

Este é um sítio que já existe na Internet desde 1997 com uma grande quantidade de informação relativa ao universo da fotografia. Começou por ser dedicado aos recursos existentes na Malásia, mas foi abrindo espáços que servem a comunidade global. A página principal pode-se dividir em duas partes. A parte de cima, onde há um menu gráfico com acesso às várias partes que constituem o sítio, e a parte de baixo, onde se encontram as ligações só em texto para todo o sítio. O menu está muito bem conseguido com as ligações a flutuarem à volta de uma objectiva com um olho. Infelizmente a organização do texto da página inicial não está muito bem organizada, sendo difícil escolher o que se quer ver. As secções existentes englobam um repositório para fotojornalistas (para que as suas fotos não deixem de estar disponíveis com o passar do tempo), uma secção com portfolios de vários fotógrafos (está aberta a toda a gente) e uma secção com recursos para a fotografia analógica de 35mm (sem dúvida a pérola da página). Vale a pena uma visita, é preciso é tempo para navegar entre tanta informação e pouca organização.

<http://mir.com.my/rb/photography/>

Spam

Spam: marca de presunto enlatado que é pedida até à exaustão por Vikings numa cena protagonizada pelos Monty Phyton. Mais tarde passou também a definir o envio abusivo (e em grandes quantidades) de publicidade através de correio electrónico não solicitado. Cerca de 84 por cento (número do programa que uso para filtro) do correio electrónico que recebeu numa conta de correio electrónico (com cerca de sete anos) é spam. Quem tem uma conta de correio electrónico já recebeu de certeza uma mensagem vinda de um desconhecido(a) a tentar vender algo, ou seja uma mensagem de spam.

Houve um americano que decidiu criar um arquivo com todo o spam que já recebeu na sua caixa de correio electrónico. O senhor Richard Jones possui no seu sitio um arquivo electrónico onde é possível consultar as mensagens de correio electrónico que ele recebeu ou ver as estatísticas

Vê-se...



Andy e Larry Wachowski

"The Matrix Revolutions"

com Keanu Reeves, Carrie-Anne Moss, Lawrence Fishburne e Hugo Weaving - 129 minutos, a cor, M/12, Ação/Ficção Científica

5/10

gundas amansam os primeiros para se poderem alimentar destes. E, para além do mais, fizeram-no sem abdicar de transformar num fenómeno planetário (jogos, um site com vida própria, criações paralelas, como o "Animatrix").

Mas há coisas das quais não se consegue escapar. "The Matrix Revolutions" é substancialmente menos interessante do que "The Matrix" e não escapa às armadilhas que "The Matrix Reloaded" lhe armou. Não é um seu seguimento estrito - procura-se manter alguma coerência interna -, mas também não é completamente independente. Pouco acrescenta, mesmo em termos de estrutura narrativa, ao que "Star Wars" já tinha trazido. A verdade é que o filme cansa. Os óculos escuros dos bons e dos maus, os saltos e voos digitais em cidades de computador, os diálogos a puxar para o profundo, o decote de Monica Bellucci. É como se já tivéssemos visto tudo. Se há surpresa no final, é uma surpresa da lógica, não da emoção. No meio de tanta elaboração visual, onde fica o carácter das personagens?

"The Matrix Revolutions" mostra a saga no que nunca deixou de ser: entretenimento que se vestiu de intelectual. Não é mau entretenimento e, para além de tudo, servirá para se compreender uma série de coisas que (presumivelmente) estarão para vir. Como Keanu Reeves disse numa entrevista, "it's for kids". O que, por si só, não é mau. O problema: por si só, também não é bom. Jorge Vaz Nande

Em negativo...



Carlos Encarnação, presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Um clássico - "Dr. Jivago"
Um drama/comédia - "A vida é bela"

Realizadores preferidos - Federico Fellini e Jean-Luc Godard

Actores - Marcello Mastroianni e Richard Burton

Actrizes - Elizabeth Taylor e Vanessa Redgrave

Bandas sonoras - Dr. Jivago (foi impressionante na época!) e "O Pianista"

The screenshot shows the homepage of the Opte project. It features a large graphic of a human brain with internal structures labeled. Below the graphic, there are sections for 'Maps' and 'Test Results'. The 'Maps' section includes a link to '1/5th of the Internet'. The 'Test Results' section lists several items, including '1/5th of the Internet (12-Nov-2003)', '3.00.08 to 4.00.08', '3.00.09 to 4.00.09', '3.00.08 to 4.00.08', and '205.00.08'. There is also a note: 'This page will soon be a full gallery of different maps based on the database results.'

Navegação

"Opte"

www.opte.org

(onde constam números que impressionam).

Fica também a referência ao programa PopFile, um programa gratuito e multi-plataforma que, de uma forma inteligente, tenta filtrar as caixas de correio electrónicas. Fácil de configurar e usar. O programa não apaga nenhuma das mensagens que são recebidas, apenas acrescenta (ou não) ao cabeçalho informação adicional. Quando uma mensagem é mal catalogada basta ir à configuração do programa e mudar a catalogação dessa mensagem. O programa vai aprendendo com os erros.

<http://www.annexia.org/spam/>
<http://popfile.sourceforge.net/>

O Mapa

Para já ainda não está a funcionar, mas brevemente vamos poder consultar o mapa da Internet e ver onde nos encontramos. O projecto Opte tem como meta criar um mapa de todo o espaço da Internet a partir de um único computador e uma única ligação à Internet. O primeiro mapa começou a ser feito em Outubro e o objectivo é ter um mapa por semana.

<http://www.opte.org>

Nuno Curado

Lê-se...

CLARICE LISPECTOR
LAÇOS DE FAMÍLIA



Clarice Lispector
“Laços de família”
Relógio D’Água, 1989.

10/10

Para parar

Clarice Lispector, desconhecida - ou esquecida - da maioria dos leitores portugueses, é dona de uma escrita singular, influenciada, sem perder a sua individualidade, pelo existencialismo e por autores como Joyce, Kafka e Virginia Woolf.

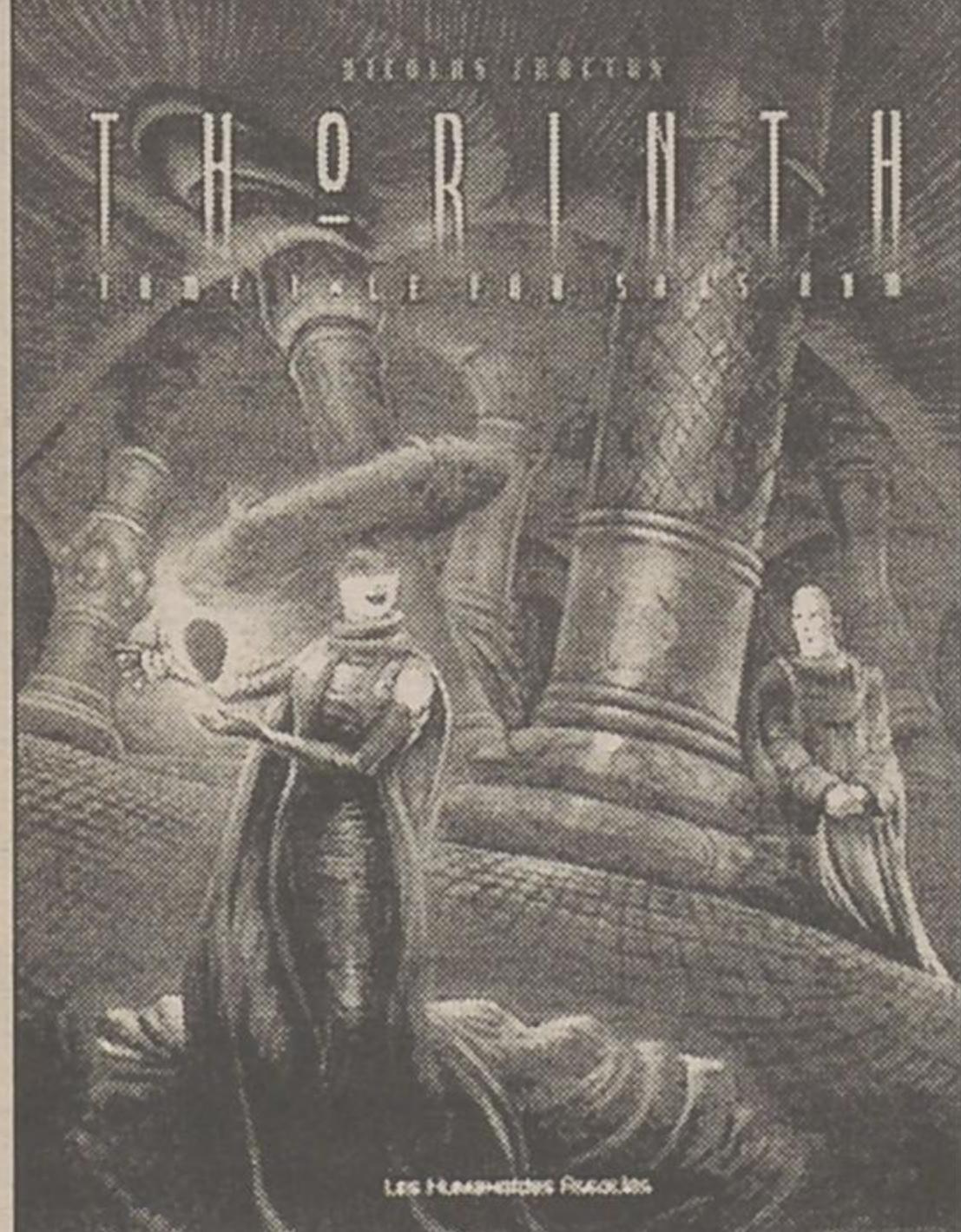
Laços de Família, um título talvez inibidor do ímpeto de ler para leitores mais “exigentes” e (pseudo)intelectuais - até porque lembrará uma novela brasileira - diz quase tudo sem nada revelar. Trata-se de um conjunto de treze contos, com personagens na sua maioria femininas, que só assim é porque é na vida das mulheres que se instalaram, sobretudo nesta época, o peso do quotidiano, do dia-a-dia em que nos anulamos, como se a vida fosse um projecto que depois de elaborado, sabe-se lá com que pressupostos, há que cumprir.

Como se a vida fosse um peso, uma existência sofrível, o dia surge como um palco em que mostramos a nossa perfeição de actores, mostrando aos outros, e a nós mesmos - à força de acreditarmos nessa representação, como a velha história de que uma mentira recalcada acaba por se tornar verdade -, o papel que ensaiamos durante a noite. É neste teatro da consciência, que nós, marionetas, nos esquecemos e é este esquecer que Clarice viola.

A vida parece querer dizer-nos, através do pensamento mais íntimo das personagens, que não é um guião criado por um demiurgo, existe sempre a possibilidade de a dimensão verduga da vida nos surpreender, mesmo por aquilo que esteve sempre ali, à nossa frente. O acaso. E aí, como já nos ensinava Heidegger, quando as “coisas falham”, ou seja, quando existe algo que surge e mina a pacata vida que escolhemos para não nos pensarmos, porque pensar dói, que nos puxa para a vida, ela mesma, suspendendo a nossa, afinal, alienação, somos obrigados a olharmos no espelho aquilo que somos e não somos. Assim, cortando os fios que nos seguram, os minutos param: não temos ninguém à espera, não somos esperados, estamos sós perante nós. E pensamo-nos, lembramo-nos, ainda que, para de novo, como um viciado em qualquer tóxico ou prazer que sente a ausência e a demência do abandono, nos entregarmos a esse jogo que não sabemos não jogar. A esse jogo que nos surge, de novo, como a vida, transformando-se esta num mero jogo desconfortável pela omissão das regras.

Este livro, a beleza que encerra a escrita e as personagens de Clarice, que nos conta o drama de sermos sem nunca nos deixar chorar, sem outra ação que não seja o pensar e o retomar do quotidiano, depois da aparição a/de nós, será apenas para aqueles que não aceitam a cobardia que sabemos que somos, porque, como nos alerta Lídia Jorge no prefácio, depois de o termos não seremos os mesmos. É isto, afinal, que faz um bom livro. É isto, afinal, o que importa. Andreia Ferreira

Desenha-se...



Nicolas Fructus
“Thorinth Tomo I - O Louco sem nome”
Edições Asa, 2002.

6/10

Arte vs. argumento

Nicolas Fructus, nome pouco conhecido no mundo da bd, deve ser classificado mais como um desenhador ou ilustrador do que como um autor de bd propriamente dito. “Thorinth-O louco sem nome” é um bom exemplo disso.

A arte deste livro apresenta uma qualidade bastante elevada e é caracterizada por um estilo muito pessoal do artista, de onde sobressaem as cores vivas e contrastantes, aplicadas de uma forma “pastosa”, os cenários, que apresentam uma monumentalidade e um nível de detalhe tal que nos dão a impressão que estamos mesmo no interior da cidade/torre de Thorinth, e as personagens, que são todas bem diferenciadas e cujo desenho revela bem a sua personalidade.

O grande problema do livro reside no seu argumento: a história de Amodef, fundador da casta dos Pelle-

gen, que manda construir Thorinth para aí poder dar continuidade às suas pesquisas acerca do cérebro humano. Contudo Esiath, a arquitecta-mestra designada por Amodef, decide apoderar-se da torre criando para isso o guarda-loucos, um ser que acaba por matar o seu criador e todos os Pellegen, absorvendo a consciência destes. A partir desta introdução é mostrada ao leitor a história de um Pellegen aprisionado no interior da torre que vai descobrindo o que nela se passa.

Apesar de interessante, a história é relatada muito confusamente, com uma sucessão de acontecimentos desconexos que baralham o leitor e que acabam por não ter justificação plausível para acontecerem. Resta aguardar pelos próximos tomos para ver se todas as dúvidas suscitadas por este tomo I têm resposta ou vão permanecer em aberto. José Miguel Pereira

Ouve-se...



Maria Rita
“Maria Rita”
Warner, 2003.

8/10

A nova cara bonita do Brasil

Nos finais de Outubro, Jô Soares convidava Maria Rita para interpretar dois temas ao vivo no seu programa da GNT e apesar de já ter ouvido um certo corropio acerca da estreia em disco da filha de Elis Regina, pude confirmar que, a partir daquela formação que a acompanhava (contrabaixo, piano, bateria, percussão e máquina de escrever e outras avanças que tais) desenhei uma imagem que se desvaneciu um pouco ao ouvir o disco. Ficou desde logo a constatação que o projecto é melhor ao vivo do que em registo discográfico.

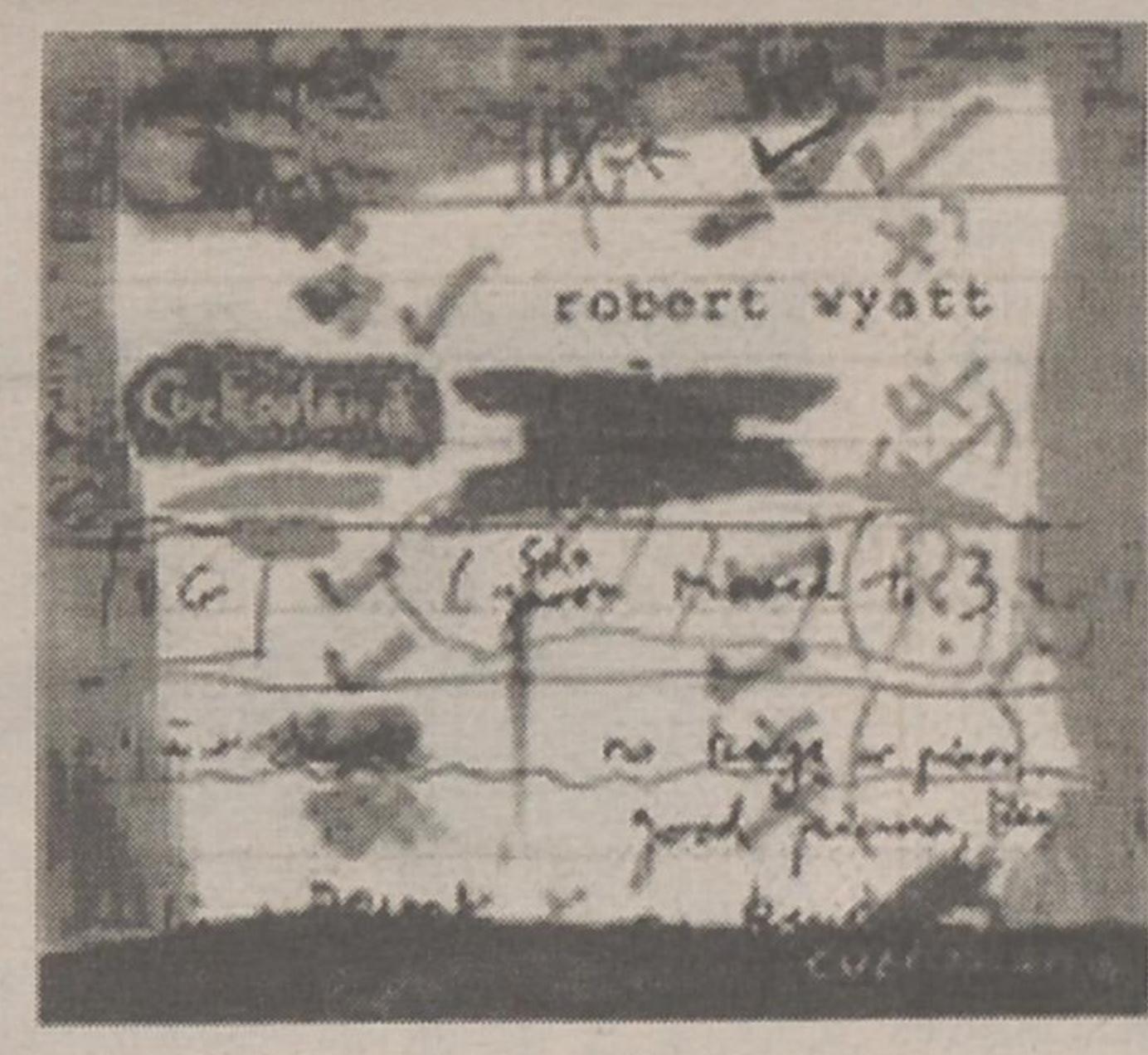
Ao longo de uma hora mal medida a produção de Tom Capone conduz a intérprete para terrenos do jazz e da bossa metamorfoseada que pode e deve ser absorvida pelo mais comum dos ouvintes.

O timbre vocal deve muito a Elis Regina, mas a verdade é que Maria Rita consegue sobreviver ao fantasma (e de que tamanho!) da sua progenitora, quando embarca em referências que pouco dizem ao universo musical brasileiro, como a versão sublime do “hino” cubano “Dos Gardenias”.

A filha de Rita Lee (daí o sobrenome Rita), Maria tinha tudo para se lançar no mercado quando muito bem entendesse e resolveu esperar uns anos, marinhar o impeto e escolher a dedo um repertório e músicos que lhe possibilitassem um disco como este, onde temas compostos por nomes tão disparestes como Milton Nascimento, Rita Lee, Luiz Sérgio, Zélia Duncan, Marcelo Camelo, Lenine ou Renato Motha adquirem uma nova vida.

Estreia em grande de uma nova diva que urge ver ao vivo, daí que a versão DVD seja ainda mais apetecível tanto pela roupagem mais improvisada como pela expressão corporal da própria Maria Rita.

Entre os últimos lançamentos, destaca-se ainda a soberba caixa de luxo com quatro CD's que incluem sete discos originais e um tema inédito de Nina Simone, a estreia feliz dos portugueses Fat Freddy, o regresso dos Lamb, a compilação “Dirty Hits” para os Primal Scream (que inclui um segundo CD com remisturas), a banda sonora de Kill Bill e, no mercado DVD, a caixa de Jaques Brel e “God Is In The House” de Nick Cave. Hugo Ferreira



Robert Wyatt
“Cuckooland”
Hannibal, 2003.

9/10

75 minutos de jazz fumarento

No momento em que é editado mais um dos raros álbuns de Robert Wyatt é difícil não falarmos do anterior “Shleep” - uma obra-prima lançada em 1997, já há seis anos. Um trabalho essencialmente melancólico que, tal como o sono, avança com pezinhas de lá, cativante e impossível de resistir. Importante na altura pela sua beleza intrínseca e pela tranquilidade que trouxe a todos aqueles que temiam um definitivo afastamento de Wyatt.

Nos dias que correm, Wyatt afirma compor apenas uma canção por ano. No entanto, este disco tem dezasseis faixas e mais de 75 minutos de duração... Contém uma delicada versão para “Insensatez” de António Carlos Jobim, uma interpretação ao piano do clássico “Raining in my heart”, três músicas de Karen Mantler (a filha de Carla Bley e Mike Mantler) e uma composição de Nizar Zreik.

Dividido em duas partes, este novo trabalho é cheio de jazz e de bonitas melodias. Um disco pop ao jeito de Wyatt: melancólico, estranho e contido. Nele há teclados e sintetizadores omnipresentes (ora de uma forma mais óbvia, enquanto sublinham melodias, ora mais sub-reptícia, enquanto contribuem para o adensar de um ambiente quase sinistro), há metais swingantes (como os trombones de Annie Whitehead ou as contribuições de Gilad Atzman nos saxofones, no clarinete e na flauta), há a voz de Karen Mantler e o próprio Robert Wyatt, que contribui para o jazz fumarento do disco com as suas percussões e com incursões pelo trompete e pela corneta.

As letras, embrulhadas em papel pop brilhante, dão conta das preocupações sociais de Wyatt, do seu humanismo e da sua preocupação com as desigualdades e a injustiça no mundo. Em “Foreign Accents”, fala da bomba atómica e em “Cuckoo Madame” há quem veja retratada Margaret Thatcher... Em “Old Europe” recupera-se a Paris de 1949, Juliette Greco e Miles Davis...

É impossível não receber um disco novo de Robert Wyatt com um sorriso nos lábios e um brilhozinho nos olhos. É como se um velho amigo, do qual já não temos notícias há algum tempo, de repente nos enviasse uma prenda. Uma prenda deliciosa. E que nos faz pensar. Rodrigo Paulino

22 AGENDA

Em palco...

Magia negra

"Balla + Carl Hancock Rux"

Organização: Rádio Universidade de Coimbra
Local: TAGV
13 de Novembro, 21h30

Na quinta-feira, o palco do Teatro Académico de Gil Vicente recebeu o concerto de apresentação da grelha 2003/2004 da RUC, com os portugueses Balla e o norteamericano Carl Hancock Rux.

Rux foi considerado em 1994 pela New York Times Magazine como um dos 30 artistas com menos de 30 anos com mais possibilidades de influenciar a cultura americana durante os próximos 30 anos. Previsão impressionante para este verdadeiro homem renascentista, que além de ser músico, é escritor e actor.

Apesar das boas recomendações, Carl Hancock Rux é ainda um virtual desconhecido no panorama musical, apenas com um álbum editado (Rux Revue, em 1999), e prestes a lançar em 2004 aquele que vai ser o seu segundo (Apothecary Rx). Em ambos os álbuns, é audível e perfeitamente identificável o universo musical de Rux: aquilo a que alguém resolveu chamar a



Carl Hancock Rux

grande música negra. Mas aquilo a que alguém chama de grande música negra não pode nunca ser circunscrita a palavras ou termos. É muito mais do que isso. E Carl Hancock Rux também.

Acompanhado por duas vozes femininas, um baterista, baixista e um teclista/programador/guitarrista, Rux pegou nos termos e baralhou-os,

transformando o TAGV num Apollo repleto em finais de 60. Houve gospel, rock'n'roll, spoken-word, etc. Houve um teatro a levantar-se em peso para aplaudir e dançar, e momentos, que de tão sinceros, escasseiam cada vez mais. E houve um senhor em palco que ultrapassou os pergaminhos que lhe foram ditados em 1994. Mário Guerreiro

Outros rumos...

Uma cidade à beira-mar plantada

Espinho, um privilégio da natureza

Cercada por florestas de pinho e banhada por um rio majestoso, Espinho é uma antiga vila de pescadores com alguns edifícios históricos, contrastando com o leve e sossegado ar de pequena cidade

A 50 quilómetros do Porto, descansa uma antiga vila do litoral norte português, agora já cidade, graças aos esforços do seu patrono D. Sebastião, que conseguiu criar a tão esperada autonomia do concelho de Barcelos. Um lugar único que guarda ainda a herança da cultura pesqueira dos que viviam e ainda lutam para viver do mar.

"Um privilégio da natureza" - diz uma placa de boas vindas à cidade. E realmente não deixa de ser. O litoral oferece,



Tradições pesqueiras continuam a marcar presença em Espinho

além de um bom lugar para banhos de mar nos meses de Verão, uma boa posição geográfica para a prática do surf. Espinho ainda apresenta pequenas ruas de calçada dignas de um passado de heranças romanas, com capelas antigas, casas de praia e um imponente farol, um dos cartões postais da cidade. Comecei a interessar-me pelo lugar e tentar viajar na história quando, de repente, fui apresentado à mais uma das curiosidades desse cidadezinha.

Exactamente às 12h, fui surpreendido por uma badalada que vinha dos sinos de

uma igreja, situada na praça central. Um badalar vibrante com toques agudos e altos que poderiam assustar qualquer viajante desinformado, como eu. E o engraçado era que, mesmo com a barulheira que parecia querer chamar a atenção de toda a região do Minho, estavam apenas a convocar algumas senhoras que estavam ali à espera do chamado para cumprir a sua fé.

Deixei-me mais uma vez contagiar pelas ruas da cidade até a hora do jantar, quando fui em busca do famoso prato de mariscos, típico do lugar. Cláudio Vaz

A não perder...

Teatro

- TAGV - ACTUS#5 Rumores CTRIP, hoje O Jogo CITAC, amanhã Evento Sartre e Beauvoir CITAC, amanhã A velocidade de um susurro GTIST, dia 20 A ferida no pescoço TeatrUBI, dia 21 As moscas Sin-Cera, dia 22 À espera de Godot Cénico de Direito, dia 23

Hotel Astória

- TAGV - Projecto Singular Plural e Amalgama, dia 26
- Colégio das Artes - Ariel Areselectoriadasartes, de 19 a dia 22
- Museu dos Transportes - Poezine: encontro de revistas de poesia, de 29 a dia 6 de Dezembro
- Hotel Astória - Lançamento do livro "Coimbra Vista do Céu" Coordenação: Filipe Jorge Dia 25

Cinema

- Cinemas Millennium Avenida - Cine-Teatro Matrix Revolutions De Andy e Larry Wachowski Todos os dias - 14h, 16h40, 19h15, 21h50, 00h30
- Estúdio 1 Kill Bill - A Vingança De Quentin Tarantino Todos os dias - 14h30, 17h, 19h20, 22h, 00h15
- Estúdio 2 Elephant De Gus Van Sant Hoje e Quinta - 13h30, 15h30, 21h30, 00h00 Quarta - 13h30, 15h30, 21h30

Música

- TAGV - Romance Apresentação do disco do grupo de fados Romance, dia 24
- Brigada Victor Jara Apresentação do novo álbum "Ceia Louca", dia 25
- Apresentação do novo álbum de Carlos Barreto Lokomotiv Trio, dia 27
- Auditório do ISEC - Uma casa portuguesa Espectáculo de António Chainho, Rão Kyao, Marta Dias e António Pinto, dia 28
- Auditório do ISEC - Guitarra tradicional de Lisboa Dia 20
- Auditório do ISEC - O Amor Acontece De Richard Curtis Todos os dias - 14h, 16h30, 19h00, 21h30

A CABRA

Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra
e-mail: cabra@aac.uc.pt

Música a partir de lixo

Um grupo de pastores africanos está a causar sensação no mundo da música. Tudo porque os instrumentos que usam foram feitos a partir de lixo.

"Junk Funk" é o nome do trabalho dos pastores do Lesotho. Os instrumentos são feitos a partir de latas de óleo, pneus de carros, ramos das árvores e bancas de cozinha. As guitarras do grupo, por exemplo, são de madeira, mas as cordas são um reaproveitamento de cediela, fio de pesca. A bateria foi feita com borracha de pneus e uma banca.

Os sete músicos são das montanhas Maluti, são pastores e todos auto-didactas. A banda chama-se Sotho Sounds e o seu membro mais novo tem apenas 14 anos.

O álbum Sotho Sounds Malealea está à venda desde Julho e agora os músicos vão começar a investir o dinheiro em algo de útil para o grupo e a sua comunidade, como referiu o produtor Risenga Makondo à BBC. Este afirmou ainda que o dinheiro vai ser investido na construção de um centro cultural onde a banda possa actuar, fazer workshops e vender merchandise.

Bugs Bunny de volta à acção

Estreou a semana passada "Lonney Tunes: Back in Action". É o regresso de Bugs Bunny e Daffy Duck aos grandes ecrãs.

O filme é uma mistura de animação e acção, bem ao estilo de "Quem tramou Roger Rabbit?". A trama gira à volta da vontade de Daffy Duck de enriquecer rapidamente e das peripécias que encontra pelo caminho. Mas a personagem principal, como não poderia deixar de ser, é Bugs Bunny. Em busca de uma pedra preciosa que transforma as pessoas em macacos, os desenhos animados contam com a ajuda de Brendan Fraser e Jenna Elfman, Timothy Dalton e Steve Martin. Uma viagem a Las Vegas, e a luta contra a Acme Corporation continua.

Mas Bugs Bunny e Daffy Duck,



Os Looney Tunes voltam a animar as telas

não são as únicas estrelas desenhadas. O filme tem uma cena passada num café onde podem ser vistas personagens como Porky Pig e Speedy Gonzalez lamentando-se pelo facto das suas carreiras terem sido interrompidas por razões políticas. Yosemite Sam também lá está, como director de um casino em Las Vegas. E Coyote e Elmer Fudd aparecem também algures pelo meio da pelcula.

O argumento foi escrito por Lar-

ry Doyle (The Simpsons) enquanto a realização esteve a cargo de Joe Dante (Gremlins). Juntamente com o filme, foi lançado um DVD "Looney Tunes Golden Collection", que contém 57 dos mais aclamados cartoons e ainda uma longa-metragem.

Bugs Bunny e os seus amigos frenéticos são as únicas estrelas de cinema cujos anos áureos foram durante as décadas de 40 e 50 e continuam a aparecer nas telas...

Beckham: o ícone

A sondagem "VH1 100 Greatest Pop Culture Icons" revelou David Beckham como o número um, deixando para trás as estrelas de Hollywood.

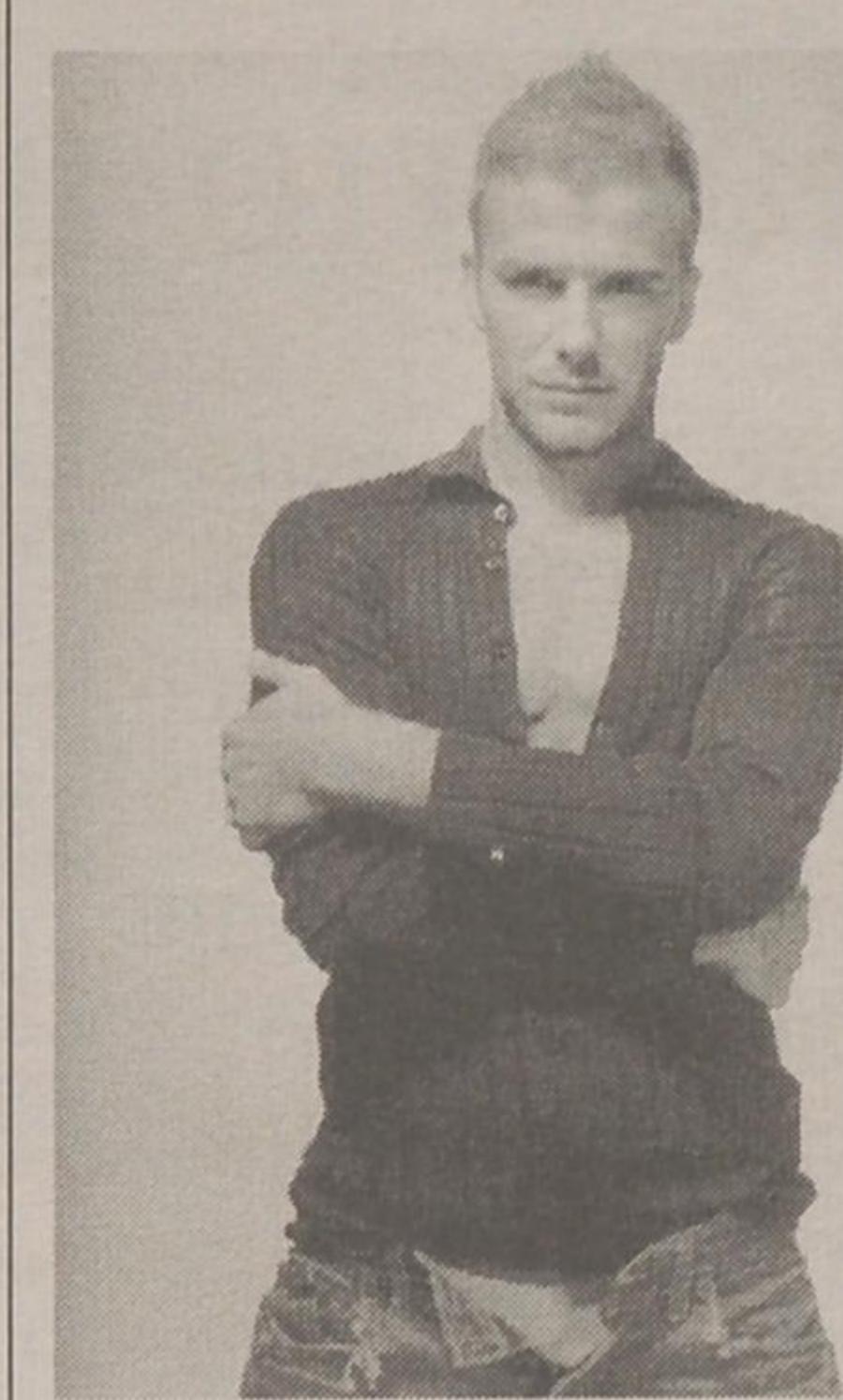
A família Beckham é ainda representada por Victoria, 31 lugares abaixo do marido. O capitão da seleção inglesa disse ao canal VH1 estar muito honrado por ter sido votado para o primeiro lugar, "especialmente se se atender à lista incrível das pessoas, algumas das quais eu admiro bastante".

Milhares de telespectadores votaram na sondagem do canal VH1, colocando Madonna em segundo lugar, Elvis Presley em terceiro e os Beatles em quarto. Diana, princesa de Gales, ficou-se no quinto lugar, logo seguida da família há mais tempo no ar: os Simpsons. O restante do "top ten" é ocupado por Freddie Mercury, no sétimo lugar, seguido dos ABBA, Robbie Williams e David Bowie.

As mulheres bonitas estão dispersas pela lista da cultura popular, mas o mito de Marilyn Monroe continua vivo. A falecida actriz arrebata o 11º lugar face ao 15º de Kylie Minogue, ao 18º de Jennifer Lopez e ao 88º de Kate Moss, também conhecida como "The Body".

E por falar em mitos que resistem, o 12º lugar pertence a Martin Luther King, o 13º a Kurt Cobain e o 19º a Bob Marley. No meio da tabela está Robert De Niro e Brad Pitt ocupa o 52º lugar.

Os telespectadores da VH1 votaram durante dois meses num painel de celebridades indicado no início do ano por um conjunto de famosos, peritos e editores.



David Beckman

A lingerie de Jennifer Lopez

A imagem de Jennifer Lopez tornou-a um dos ícones da moda mundial. A cantora prepara-se agora para lançar uma linha de lingerie.

Aos 33 anos a cantora e actriz é dona da Sweetface Fashion Company que actualmente produz roupa de desporto e banho, perfumes,

jóias, carteiras, cintos, chapéus, luvas e lenços. Recentemente J. Lo assinou um contrato com o The Warnaco Group, Inc, que produz roupa para marcas como a Speedo e Calvin Klein. Esse contrato refere-se à produção e venda de uma linha de roupa interior e de dormir. A comercialização des-

ta nova linha começa no Outono de 2004 e inicialmente será feita apenas nos EUA.

Denise Seegal, presidente da Sweetface, diz num comunicado à imprensa que o objectivo desta nova gama "é vestir as nossas clientes dos pés à cabeça com produtos inspirados pela Jen-

ifer". Seegal prossegue afirmando que "a lingerie a ser lançada será parte integral do 'look' de J. Lo".

A Sweetface e a Warnaco irão disponibilizar alguns esquemas a partir do mês de Dezembro. Entretanto, a cantora lança hoje "The Reel Me", um DVD com algumas surpresas.



Jennifer Lopez, um caso de sucesso na música e no cinema, agora também no mundo da moda

Matrix é o novo recorde

O último filme da triologia Matrix bateu todos os recordes de bilheteira no primeiro fim de semana em exibição, tornando-se na maior estreia ao nível mundial



The Matrix Revolutions estreou em 18.000 cinemas em 96 países.

Lucro fim de semana: €204 milhões

O Senhor dos Anéis: As duas Torres estreou em Dezembro 2002.

Bilheteira em cinco dias: €188 milhões

Vendas a nível mundial *The Matrix e The Matrix Reloaded:* €1200 milhões

Fonte: Warner Bros. © GRAPHIC NEWS

Redacção: Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 Coimbra
Tel: 239 82 15 54 Fax: 239 82 15 54

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Concepção/Produção:
Secção de Jornalismo da
Associação Académica de Coimbra

Mais informação disponível em:

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra



IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

No silêncio sepulcral da noite fria entras às escondidas no interior do templo da sabedoria, onde encontrares algures a resposta científica e racional para tudo. Vagueias então pelos corredores vazios, irrompes destemidamente pela escuridão cerrada, tateias as paredes rugosas, abres uma pesada porta de madeira que dá acesso a uma sala enorme com um cheiro intenso a humidade. Entras. Tocas com o dedo indicador direito na prateleira de uma estante e levantas a poeira que se acumulou com o tempo suspenso de desuso.

Caminhas um pouco à volta de uma mesa e no canto da sala encontrares duas grandes pilhas simétricas de livros e de folhas soltas perfilados no chão junto a uma cómoda de pinho amarelecido. Entre milhares de manuscritos abandonados encontrares páginas dobradas e envelhecidas

de um ensaio antigo e transcreves um pequeno texto para o teu caderninho de anotações: "O que é bom? - Tudo aquilo que desperta no homem o sentimento do poder, a vontade de poder, o próprio poder. O que é mau? - Tudo o que nasce da fraqueza. O que é a felicidade? - A sensação de que o poder cresce - de que uma resistência foi vencida. Nenhum contentamento, mas mais poder. Não a paz acima de tudo, mas a guerra. Não a virtude, mas o valor (no estilo do Renascimento: 'virto', virtude desprovida de moralismos). Quanto aos fracos, aos incapazes, esses que pereçam: primeiro princípio da nossa caridade. E que se os ajude mesmo a desaparecer! O que é mais nocivo do que todos os vícios? - A compaixão que suporta a ação em prol de todos os fracos, de todos os incapazes - o cristianismo..."



Numa casa portuguesa fica bem...

Sónia Nunes

No próximo dia 28 de Novembro, o Teatro Académico de Gil Vicente apresenta "Uma Casa Portuguesa", um espectáculo que volta a juntar António Chaíño e Rão Kyao. Coimbra recebe assim a digressão Rey Fado 2003 e testemunha a bigamia entre a guitarra portuguesa e o jazz.

António Chaíño, apelidado de embaixador da guitarra portuguesa, alcançou o reconhecimento público em 1998, com a edição de "A Guitarra e Outras Mulheres". É aqui que o fado encontra o blues, o jazz e os sons de África - um cruzamento bem representado no último álbum do artista "Ao vivo no CCB" (2000), que conta com a participação de Rão Kyao.

Rey Fado Tour 2003 volta a sublinhar a cumplicidade dos dois compositores. Por um lado, o jazz com um cheiro a oriente que nasce da flauta de Rão Kyao, por outro, a reinvenção da guitarra portuguesa por António Chaíño.

A Chaíño e Rão Kyao juntam-se a voz de Marta Dias. Inspirada nas sonoridades afro-americanas, Marta Dias acompanha o guitarrista desde 1997. Estreou-se nos discos dos General D e conta hoje com dois discos a solo: "Y-u-é" e "Aqui". Senhora da música negra, ajuda António Chaíño a traçar novos caminhos para o fado. A viola de António Pinto vai também marcar presença no concerto. O músico formou-se nas escolas do Hot Club de Portugal e na Academia de Amadores de Música de Lisboa e tem trabalhado com artistas como Sérgio Godinho, Fausto, Vitório, Mafalda Veiga e Misia.

Relatório apresenta taxas de insucesso

Cerca de 43 por cento dos estudantes no ensino superior não terminam o curso no tempo previsto e dez por cento acaba mesmo por abandonar os estudos

Tiago Azevedo

Em cada dez estudantes, quatro demoram pelo mais um ano que o normal para terminar o curso e um abandona o ensino superior. Estes são os últimos dados do relatório apresentado pelo Observatório da Ciência e do Ensino Superior, que elevam a taxa de insucesso escolar para os 43 por cento, referente ao ano lectivo de 2001/2002.

Segundo os dados do relatório,

apresentado pelo Diário de Notícias, no sistema do ensino superior público, o sector mais afectado é o do ensino politécnico, que apresenta uma taxa de 46 por cento de insucesso, taxa essa que se fixa nos 41 por cento no ensino universitário. Refira-se, no entanto, que neste cálculo, para o ensino politécnico, foi apenas contabilizado o grau de bacharel - equivalente aos três primeiros anos - não se analisando o período das licenciaturas.

O estudo analisa também a taxa de abandono. Na perspectiva do relatório, que define como abandono a diferença entre o número de alunos que preenchem os requisitos para transitar de ano e o número daqueles que na realidade se matriculam no ano seguinte, cerca de dez por cento dos alunos deixam o sistema de ensino superior público. Do mesmo modo que se passa relativamente ao insucesso, a taxa é maior nos politécnicos, onde atinge 12 por cen-

to, enquanto que nas universidades fica nos nove por cento.

Estes problemas vão passar a ser alvo de um maior controlo já este ano, visto que será introduzido o regime de prescrições pela nova Lei de Financiamento para o Ensino Superior. Os estudantes vão passar a ter um limite para a concretização das licenciaturas, que em cursos de quatro anos não pode exceder as seis matrículas e as oito matrículas em cursos de cinco anos. Para já, este relatório apenas proporciona "indicadores para uma análise preliminar", visto que não contempla os alunos que regressam noutros cursos, na questão do abandono, e que a criação de novos cursos e a alteração de outras licenciaturas distorcem os resultados globais.

Para o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Victor Hugo Salgado, os dados não estão, no entanto, longe da

verdade. O dirigente salienta que existem muitas falhas no acesso e frequência do sistema do ensino superior, destacando a falta de preparação que os estudantes trazem do sistema de ensino secundário para se adaptar às exigências universitárias, problema que, de resto, são "os próprios docentes a salientar". Referindo-se ao papel do Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES), o presidente da direcção-geral refere que, apesar do MCES estar a reunir informação de todo o sistema do ensino superior, ainda não se viram "dados sérios para a resolução dos problemas". O estudante de Direito defende que dentro do ensino superior a questão da qualidade precisa de ser revista, nomeadamente na "avaliação dos professores e a avaliação que estes fazem aos próprios alunos", acrescentando que a ação social "não é suficiente para manter os estudantes no ensino superior".

